

A FESTA DE SÃO JOÃO NOS DISCURSOS BÍBLICO E FOLCLÓRICO



ELIZABETH CHRISTINA DE ANDRADE LIMA



Editora da Universidade Federal de Campina Grande



Editora da Universidade Federal de Campina Grande

ISBN -978-85-89647-98-0



9 788589 674980

ELIZABETH CHRISTINA DE ANDRADE LIMA

**A FESTA DE SÃO JOÃO
NOS DISCURSOS BÍBLICO E FOLCLÓRICO**



Editora da Universidade Federal de Campina Grande

Elizabeth Christina de Andrade Lima

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará.
Professora de Antropologia da Unidade Acadêmica de Sociologia e
Antropologia da Universidade Federal de Campina Grande.

**A FESTA DE SÃO JOÃO
NOS DISCURSOS BÍBLICO E FOLCLÓRICO**

1ª edição



Editora da Universidade Federal de Campina Grande
Campina Grande
2010

Todos os direitos e responsabilidades da autora.

© Elizabeth Christina de Andrade Lima – *ecalima@terra.com.br*

Fotografia da capa - Elizabeth Christina de Andrade Lima.
Imagem do cenário Parque do Povo, fotografado pela autora em junho de 1999.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Central da UFCG

FALTA ESTE CÓDIGO

Lima, Andrade, Elizabeth Christina de, 1964-

A Festa de São João nos discursos bíblico e folclórico/
Elizabeth Christina de Andrade Lima. Campina Grande:
EDUFCG, 2010.
120P.

ISBN 978-85-89674-98-0

1. Festa Junina. 2. São João. 3. Antropologia da Festa. 4.
Folclore. I. Título.

CDU 398.332.33(813.36)

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, qualquer que seja o fim,
sem a prévia autorização por escrito da autora.



Editora da Universidade Federal de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Reitor

Thompson Fernandes Mariz

Vice-Reitor

José Edilson Amorim

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE -
EDUFMG

Prof. Dr. Antonio Clarindo Barbosa de Souza

Diretor Administrativo

Prof. Benedito Antonio Luciano – CEEI

Prof. Carlos Alberto Vieira de Azevedo – CTRN

Profª Consuelo Padilha Vilar - CCBS

Profª. Edjane E. Dias da Silva – CCJS (Sousa)

Prof. José Helder Pinheiro – CH

Prof. José Wanderley Alves de Sousa – CFP (Cajazeiras)

Prof. Onaldo Guedes Rodrigues - CSTR (Patos)

Teófilo Viana

Edição eletrônica e Capa

EDUFMG

Rua Aprigio Veloso, 882 - Bodocongó - Caixa Postal: 10024

Campina Grande - Paraíba, CEP 58109-970

<http://www.ufcg.edu.br/~edufcg>

Para minha mãe
Mariene de Andrade Lima

AGRADECIMENTOS

Este livro é resultado de pesquisas desenvolvidas para escrita de minha tese de doutorado em Sociologia, apresentada ao Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará e defendida em 20 de fevereiro de 2001, perante a banca examinadora composta pelos profs. doutores Irllys Alencar Firmo Barreira (orientadora), Regina Reys Novais, Maria Ignez Novais Ayala, Maria Sulamita de Almeida Vieira e Ismael Pordeus Júnior. A estes agradeço por suas argüições interessadas e pelas sugestões feitas ao meu texto.

A professora Dra. Irllys Alencar Firmo Barreira, orientadora e amiga, pelas recomendações e críticas, e, sobretudo, pela compreensão e atenção. Sua competente contribuição foi relevante em todos os sentidos, principalmente pela sinceridade na concordância e sentimento profissional nas divergências, sem deixar nunca de ser, uma pessoa extremamente amável.

A minha família, por todo apoio e amor, especialmente a minha querida mãe, Mariene, a quem dedico este livro.

Ao meu irmão João Ademar pela força e incentivo para que esse material, que ora trago a público, não ficasse engavetado.

A memória de meu pai, José Cordeiro Lima. Para ele a minha eterna gratidão por ter-me ensinado, desde criança, a amar a fogueira de São João.

SUMÁRIO

Prefácio	13
Introdução	15
Capítulo I	
O Santo São João no Discurso Bíblico	19
1.1. Fundamentos do discurso bíblico	19
1.2. A criação do mito: o nascimento de São João Batista	21
1.3. A promessa messiânica nos ensinamentos de São João Batista	34
1.4. Testemunho de São João Batista e o fim da missão do precursor	38
Capítulo II	
A Festa de São João no Discurso Folclórico	53
2.1. A Festa de São João e a visão dos folcloristas	53
2.2. Sobre as origens da festa de São João no Brasil	57
2.3. Os significados da festa de São João	67
2.4. O santo do amor e do erotismo	78
2.5. O santo do fogo e da água	88
2.6. O mago e os seus encantamentos	100
2.7. O santo da fartura: a festa da gastronomia joanina	105
Considerações Finais	111
Referências Bibliográficas	113

PREFÁCIO

Este livro busca construir uma espécie de arqueologia da festa de São João a partir de duas matrizes interpretativas principais: a bíblica e a folclórica.

A partir da constatação do crescimento da festa de São João no espaço urbano do Brasil e especial e particularmente, do Nordeste brasileiro, onde são montados anualmente, ao longo do mês de junho, arraiais para festejar o santo São João, ou o ciclo joanino, uma questão veio à tona: quem é o São João, quem foi ele e como se justifica à sua popularidade e crença?

Para responder a tais indagações, fizemos basicamente uso de duas fontes de coleta de dados principais: a Bíblia Sagrada, nos livros do Antigo e Novo Testamentos e a produção dos folcloristas, principalmente brasileiros, sobre a festa de São João.

A idéia de escrever sobre o São João é resultado de pesquisas e indagações desenvolvidas para a produção de nossa Tese de Doutorado sobre a “Festa do Maior São João do Mundo”, evento este realizado durante trinta dias ininterruptos na cidade de Campina Grande, no Estado da Paraíba – Tese hoje publicada em forma de livro com o título: *“A Fábrica dos Sonhos”*: a invenção da festa junina no espaço urbano. Publicado pela Idéia Editora, João Pessoa, no ano de 2002 e pela Editora da UFCG, Campina Grande, em sua 2ª edição, no ano de 2008.

Aqui o nosso intento é apresentar ao leitor as várias maneiras e possibilidades multifacetadas de conceber o santo São João, seja na perspectiva bíblica, seja na perspectiva folclórica. É ainda uma tentativa de apresentar essa festa ao leitor a partir de seu representante maior: São João Batista, com vistas a proporcionar uma maior intimidade do festeiro com o seu santo

de devoção. Afinal, é para “render graças” a ele que centenas e centenas de fiéis e de festeiros se reúnem todo o mês de junho para reverenciar o seu santo mais popular. É para ele que se montam e se acedem fogueiras, que se soltam fogos em profusão, que se enche uma mesa de guloseimas à base de milho e que se compõem músicas para festejar o santo mais querido.

Então com esse sentimento convidamos o caro leitor a junto conosco descobrir o santo precursor do Messias, asceta, austero e pregador de penitências, apresentado pela Bíblia Sagrada, do mesmo modo que o santo bonachão, brincalhão e amante da festa, o santo adivinho e casamenteiro, o santo do fogo e água, da arqueocivilização, apresentado pelo discurso folclórico.

Vamos juntos descobrir quem é esse São João e como é possível esse hibridismo e esse sincretismo culturais que nos aproxima e nos faz apaixonarmos por tão rico e poderoso personagem bíblico ao mesmo tempo em que mundano; sagrado ao mesmo tempo em que profano.

Boa leitura.

INTRODUÇÃO

Muito se tem ouvido falar sobre as festas juninas, ou ciclo joanino, sobre as festas de Santo Antônio, São João e São Pedro. A Literatura Folclórica e os estudos sobre Cultura Popular têm se debruçado na análise dessas festas e de sua importância para a cultura brasileira e, particularmente, para a cultura nordestina. No entanto, talvez muitos festeiros desconheçam a história desses santos. Fato corriqueiro por exemplo é a confusão que se faz em torno da figura de São João. De que São João se fala? É do São João apóstolo, discípulo de Jesus? É do São João Evangelista? Ou seria a de São João Batista, o batizador? Àquele que veio para testemunhar a Jesus, o Messias? A festa de São João comemora o quê? De que santo se fala?

A Bíblia Sagrada, tanto no Antigo, mas principalmente, no Novo Testamento, oferece ricas informações sobre o nascimento, vida e morte do nosso tão festejado São João Batista e é nosso intento apresentar, nas páginas a seguir, a saga desse fundamental personagem bíblico, com destaque, sobretudo, para a sua missão na terra.

Será possível ao leitor observar a importância de São João Batista no contexto messiânico e de como, ao retomar e reconstituir o discurso folclórico, a tendência será cada vez mais a de afastamento desse personagem bíblico e a adoção de outras visões e versões, marcadamente profanas, para significar e dar sentido a festa de São João, o “santo do carneirinho”, o “bom pastor”. De um discurso totalmente presente no âmbito do sagrado, há um redirecionamento para um discurso que não perde totalmente a referência bíblica, mas se profaniza ao adotar novos sentidos e novos significados, sobretudo quando se inventa uma festa para se comemorar esse santo tão importante no discurso bíblico. Santo este que, como será possível se observar no discurso

bíblico nas páginas a seguir, foi antes de qualquer coisa, totalmente contrário e avesso à festa e a qualquer movimento de comemoração ou balburdia, por pregar e defender principalmente, a conversão via arrependimento dos pecados.

A esse santo, a esse fundamental personagem bíblico, os folcloristas destinaram páginas e páginas de escritos, objetivando entender e analisar exatamente os significados dessa festa secular e de sua importância para a cultura brasileira.

A expectativa e intento dos folcloristas parecem ser não somente o de apresentar a festa junina e os santos juninos para o público leitor, mas igualmente, popularizá-los junto a estes; de tal sorte que, como será observado ao longo deste livro, a festa é apresentada e analisada pelos folcloristas como uma importante e destacada produção cultural, como um forte exemplo de expressão da cultura popular.

É a partir da década de 80 do século passado que a festa junina ganha notoriedade cultural e midiática. É o período em que ela sai do espaço rural e ganha o espaço urbano das cidades e enormes “arraiais” são montados para a festa.

Transformadas em grandes espetáculos de som, luz, dança e alegria, as festas juninas – ou ciclo joanino – vêm crescendo a cada ano no Brasil, e principalmente nas cidades nordestinas, onde dura o mês inteiro. Dançando, pulando fogueira, saboreando as iguarias próprias da época, os frequentadores dos modernos arraiais talvez não se dêem conta de que reencenam, assim, uma tradição brasileira de mais de 400 anos. E de fato, entre nossos principais folcloristas, é unânime a versão de que esse tipo de festejo foi transplantado da Europa e trazido ao Brasil pelos portugueses em meados do século XVI.

As festas juninas são apresentadas pelos folcloristas como eventos repletos de magias, presságios e sortilégios. São também

a festa do amor e do erotismo. São João, o mais querido entre todos os santos do ciclo junino, tem a sua fama e título de “santo casamenteiro” – atributo este também dirigido a Santo Antônio. É a ele que as moças casadoiras se dirigem na véspera de sua noite, 23 de junho, para pleitearem um matrimônio.

Outro importante significado das festas juninas diz respeito ao fogo. Este é um dos principais símbolos da festa, elemento mágico e purificador particularmente representado pelas fogueiras acesas na véspera dos dias em que se comemoram o nascimento dos santos juninos – Santo Antônio (12), São João (23) e São Pedro (28).

As festas são também um período de fartura. A culinária junina é bastante variada, destacando-se os pratos produzidos à base de milho, tais como a canjica, a pamonha, o bolo de milho e, naturalmente, o milho assado e cozido.

Um outro elemento importante das festas juninas é a água. Particularmente quando usada à meia-noite dos dias dos santos, ela possuiria os poderes especiais de purificar e mesmo servir de oráculo aos fiéis festeiros.

Ao soar as doze badaladas, iniciam-se determinadas práticas, como banhos de imersão e emersão, adivinhações e sortilégios, além da colheita de certas ervas e plantas que se tornariam encantadas, com poderes de cura e de elucidação quanto às perguntas formuladas pelos alegres consulentes.

Chamar atenção para o caráter híbrido e ao mesmo tempo sincrético da Festa de São João que mistura, alterna ou privilegia os discursos bíblico e/ou folclórico é o que pretendemos destacar nesse livro. Essa festa pertencente a arqueocivilização e efusivamente comemorada no Brasil merece ser melhor investigada. Muitos dela participam e muitas vezes nem sequer sabem os seus variados significados, interpretações e sentidos.

Esse livro tem por objetivo exatamente oferecer ao leitor um leque de discursos e interpretações construídas ao longo dos anos sobre a festa de São João. Muitas vezes festejado e tão pouco conhecido. Pretende apresentar os dois principais paradigmas discursivos: o bíblico e o folclórico, não com o objetivo de compará-los mas de retomá-los como discursos legítimos e possíveis para pensar e viver essa festa tão forte e tão presente na cultura brasileira e, particularmente, na cultura nordestina e paraibana.

O livro encontra-se dividido em dois capítulos: no primeiro é realizado todo um levantamento sobre a construção, presença e importância da figura de São João Batista – o precursor do Messias – no discurso bíblico, cuja fonte principal de análise são os Livros do Antigo e do Novo Testamento.

No segundo capítulo é analisado alguns dos mais importantes discursos da produção folclórica sobre a festa de São João, o “Santo do Carneirinho”, o “batizador”, o “santo casamenteiro”. O objetivo principal é realizar uma espécie de arqueologia da festa de São João na perspectiva folclórica e de como essa produção é de certa maneira apropriada pela e na cultura e acaba por servir de inspiração para a montagem dos grandes arraiais urbanos que são construídos todos os anos para festejar o santo São João, a exemplo da festa do “Maior São João do Mundo”, na cidade de Campina Grande, no Estado da Paraíba.

Por fim, são apresentadas às considerações finais com base na pesquisa de coleta de dados e análises realizadas e de como esse livro pode ajudar ao leitor a entender melhor a cultura popular e a sua riqueza. Esse livro pretende, por fim, incentivar o debate em torno do tema da cultura popular e, particularmente, da festa de São João.

CAPÍTULO I

O SANTO SÃO JOÃO NO DISCURSO BÍBLICO

E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque precederás o Senhor, preparando os seus caminhos, para dar ao seu povo o conhecimento da salvação através da remissão dos pecados; obra da eterna misericórdia do nosso Deus, que nos trará do alto a visita do Astro nascente, para iluminar os que vivem nas trevas e na sombra da morte, e para dirigir nossos passos no caminho da paz. (LC 1.76-79)

1.1. FUNDAMENTOS DO DISCURSO BÍBLICO

A Bíblia Sagrada relata sobretudo a saga do povo hebreu, e foi exatamente no seio do povo hebreu, que ela nasceu. O termo grego donde provém à palavra Bíblia significava originalmente, os livros. Em latim, este termo transformou-se num singular e passou a designar exclusivamente a coleção de textos que formam a Sagrada Escritura.

A Bíblia é a coleção de livros escritos que, segundo a Igreja sob a inspiração do Espírito Santo, contém a palavra de Deus. Constitui-se de 73 livros, divididos em duas partes: Antigo e Novo Testamento.¹ O termo Testamento “substitui atualmente

¹ A Bíblia Católica divide os 46 livros do Antigo Testamento do seguinte modo: 1. O Pentateuco (isto é, a Lei). 2. Os Livros Históricos: Josué, Juizes, Rute, os dois Livros de Samuel, os dois Livros dos Reis, os dois Livros das Crônicas ou Paralipômenos, os Livros de Esdras e Neemias, os três Livros de Tobias, Judite

um antigo termo grego que significa pacto ou aliança. Com efeito, em toda a Bíblia trata-se da aliança feita por Deus com os homens, primeiramente por intermédio de Moisés e em seguida, pelo ministério de Jesus”.²

Escrita por diversas mãos em um período de cerca de mil anos e abordando os mais variados conteúdos, a Bíblia Sagrada contém basicamente, todo um discurso profético sobre a Aliança de Deus com o povo escolhido, os hebreus, e a promessa messiânica da vinda do Messias para consolidar o pacto formado, desde o Antigo Testamento, bem como regenerar o mundo com a Boa Nova do reino através e por meio, do perdão dos pecados.

A Bíblia é sumariamente, uma promessa da existência de um reino feito de paz, concórdia e amor, dirigido a um povo dividido entre guerras de conquistas por territórios e disputas religiosas; ela anuncia a chegada eminente do Reino, no qual todos adorariam a um só Deus e se tornariam pacíficos na terra que esse mesmo Deus lhe reservou, a Palestina, também denominada de Terra Santa.

De importância fundamental na tradição hebraica, os movimentos proféticos marcam e caracterizam o texto bíblico,

e Éster, e por fim, os dois Livros dos Macabeus. 3. Os Livros Sapienciais: Jô, os Salmos, os Provérbios, o Eclesiastes, o Cântico dos Cânticos, o Livro da Sabedoria e o Eclesiástico. 4. Os Livros Proféticos, designados pelo nome dos Profetas: Isaías, Jeremias (ao qual se acrescentam às lamentações de Baruc), Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. A coleção dos livros do Novo Testamento começou a formar-se na segunda metade do primeiro século da nossa era. Seus 27 livros são assim distribuídos: 1. Cinco Livros Históricos: os Evangelhos segundo S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas, S. João; e os Atos dos Apóstolos. 2. Vinte e uma cartas dos Apóstolos. 3. Um Livro Profético: o Apocalipse de São João. Bíblia Sagrada, 1992, p. 16.

². Bíblia Sagrada, 1992, p. 15.

particularmente, o Antigo Testamento. Como prática constante no relato bíblico, o profetismo refere-se ao registro desde o mais cotidiano gesto do povo hebreu, à sua mais elaborada construção escatológica, baseada sempre na crença e esperança de salvação dos homens pelo esperado Messias.

Toda uma construção profética elaborada no Antigo Testamento é retomada no Novo Testamento como comprovação de cumprimento das antigas escrituras. Por exemplo, o Antigo Testamento descreveu a vinda do escolhido de Deus para reinar entre o povo hebreu; tal promessa é cumprida com a chegada de Jesus que testemunha ser o Messias, o enviado e filho do Deus Vivo e tal constatação, é assinalada no Novo Testamento como evidência do cumprimento dos antigos escritos, que haviam sinalizado para este acontecimento.

É neste contexto de promessas messiânicas que surge a figura de São João, o Batista. Ele também vem ao mundo como cumprimento de profecias descritas em alguns discursos do Antigo Testamento. Sua missão é a de preparar, anunciar e testemunhar à vinda do prometido Messias. E é sobre a saga de São João, com destaque para sua anunciação, nascimento, missão e morte, que tratam as próximas páginas.

1.2. A CRIAÇÃO DO MITO: O NASCIMENTO DE SÃO JOÃO BATISTA

A criação mitológica e lendária de São João Batista é instituída nos escritos bíblicos antes mesmo de seu nascimento; sua missão e vinda ao mundo são anunciadas e, principalmente a ele relacionadas, em duas passagens do Antigo Testamento, através dos profetas Isaías e Malaquias, que apontam para vinda

de um precursor que iria preparar os caminhos para chegada do Messias e testemunhá-lo.

A importância da figura de um precursor é de grande destaque nesses escritos, pois, para Jesus se apresentar e ser recebido, era necessário que antes, o próprio povo tivesse acesso aos primeiros ensinamentos com vistas à transformação radical de suas vidas, através da conversão e do arrependimento; em outras palavras, para ouvir Jesus e seus ensinamentos, o homem deveria, pelo menos, estar disponível em espírito, para entender suas palavras e mensagem sobre a Boa Nova do Reino.

No livro da Consolação, capítulo 40, versículos de 1 a 31, o profeta Isaías anuncia o aviso da libertação e a chegada do precursor que irá preparar o terreno para a vinda eminente do Messias; em um dos trechos de seu discurso profético lê-se:

40 Consolai, consolai meu povo, diz vosso Deus.² Animai Jerusalém, dizei-lhe bem alto que suas lidas estão terminadas. que sua falta está expiada, que recebeu, da mão do Senhor, pena dupla por todos os seus pecados. ³ Uma voz exclama: “Abri no deserto um caminho para o Senhor”, traçai reta na estepe uma pista para nosso Deus. ⁴ Que todo vale seja aterrado, que toda montanha e colina sejam abaixadas; que os cimos sejam aplainados, que as escarpas sejam niveladas!” ⁵ Então a glória do Senhor manifestar-se-á; Todas as criaturas juntas apreciarão o esplendor, porque a boca do Senhor o prometeu. ⁶ “Clamai!” disse uma voz, e eu respondi: “Que clamarei?” “Toda criatura é como a erva”, e toda a sua glória como a flor dos campos! ⁷ A erva

seca e a flor fenece quando o sopro do Senhor passa sobre elas. (verdadeiramente o povo é semelhante à erva.). 8 A erva seca e a flor fenece, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente. 9 Subi a uma alta montanha, para anunciar a boa nova a Sião, elevai com força a voz, para anunciar a boa nova a Jerusalém. Elevai a voz sem receio, dizei às cidades de Judá: “Eis vosso Deus!”. 10 Eis o Senhor Deus que vem com poder, estendendo os braços soberanamente, eis com ele o preço de sua vitória, faz-se preceder pelos frutos de sua conquista, 11 como um pastor, vai apascentar seu rebanho, reunir os animais dispersos, carregar os cordeiros nas dobras de seu manto, conduzir lentamente as ovelhas que amamentam.

E, de fato, João Batista se transforma no profeta do deserto a clamar pelo povo e pregar a conversão dos pecadores e o arrependimento por seus pecados. Noutra passagem, o profeta Malaquias, no Antigo Testamento, capítulo 3, versículo 1, profetisa sobre a vinda de um precursor ou mensageiro do Messias:

3 Vou mandar o meu mensageiro para preparar o caminho. E imediatamente virá ao seu templo o Senhor que buscais, o anjo da aliança que desejais. Ei-lo que vem, diz o Senhor dos exércitos.

Com base nos discursos acima, o ministério de João Batista já estava preparado como intenção e vontade de Deus e

a sua breve missão na terra, já delineada, sobretudo, como prova para que se cumprisse as Escrituras, isto é, àquilo que os profetas haviam anunciado. E sendo um escolhido, um pré-destinado a exercer determinadas funções, toda a vida do Batista e até mesmo o seu nascimento, é cercado de uma áurea de misticismos e milagres. O menino é gerado em circunstâncias religiosas muito significantes. Seu pai Zacarias e sua Mãe Isabel, já em idade avançada, não tinham filhos, pois Isabel era estéril. Sua fertilização já foi, portanto, um milagre; o anúncio de que a concepção dar-se-ia é dada por um anjo do Senhor que se dirige a seu pai, conforme enunciado nos escritos da Bíblia, no livro do Novo Testamento e somente no Evangelho segundo São Lucas,³ momento em que relata o anúncio do nascimento de João Batista, no capítulo 1, versículos 5 a 25;

³. Um dos comentadores da Bíblia afirma ser o Evangelho de Lucas, “o mais belo livro que existe. Num tempo em que todos querem que desapareçam definitivamente as barreiras existentes entre os homens, apresenta-se a nós Lc, o Evangelho da salvação universal. Quando todos os olhares cristãos se voltam para os problemas sociais de nossa época, deparamo-nos com o Evangelho dos Pobres; quando todo mundo se preocupa com a situação da mulher, temos em Lc o Evangelho por excelência da figura feminina (a Virgem Maria, Santa Isabel, Ana, Marta, Maria, as Santas Mulheres...). Sabemos também que Lc é o Evangelho da alegria cristã.” De fato, em nenhum outro dos Evangelhos, de Marcos, Mateus e João mereceu a mulher um papel tão destacado como no de Lucas. Ao descrever minuciosamente a gravidez e o papel de santas como Maria e Isabel, o apóstolo aponta para a importância destas no seio da escatologia cristã e de suas promessas messiânicas, relativizando, portanto, a importância e dominação do masculino na construção do Cristianismo. Além disso, o Evangelho de Lucas é o único que ao relatar sobre João Batista, retoma desde o anúncio de seu nascimento até suas pregações e morte; os outros Evangelhos destacam apenas as pregações e morte do Batista. Bíblia Sagrada, 1992, p. 83.

5 No tempo de Herodes, rei da Judéia, havia um sacerdote chamado Zacarias, da classe de Abia, casado com Isabel, descendente de Araão. 6 Ambos eram justos diante de Deus e cumpriam irreprensivelmente todas as leis e preceitos do Senhor. 7 Mas não tinham filhos, porque Isabel era estéril e os dois eram bem idosos. 8 Num certo dia, estava Zacarias exercendo as funções diante de Deus, no turno da sua classe, 9 e foi sorteado, segundo o costume do serviço sacerdotal, para entrar no Santuário do Senhor e fazer a oferta de incenso. 10 Na hora do incenso toda a assembléia do povo estava em oração, do lado de fora. 11 Então um anjo do Senhor lhe apareceu, de pé, à direita do altar do incenso. 12 Quando Zacarias o viu, ficou perturbado e o medo se abateu sobre ele. 13 Mas o anjo lhe disse: “Não tenhas medo, Zacarias, porque tua oração foi ouvida: tua esposa Isabel vai te dar um filho e lhe porás o nome de João. 14 Com isso terás uma grande satisfação e alegria, e muitos também se alegrarão com o seu nascimento, 15 porque ele será grande diante do Senhor. Não beberá vinho ou qualquer outra bebida embriagante. Estará cheio do Espírito Santo desde o seio de sua mãe, 16 e reconduzirá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. 17 Ele o precederá com o espírito e o poder de Elias, para reconduzir o coração dos pais aos filhos, bem como os rebeldes aos sentimentos dos justos. Vai preparar assim para o Senhor, um povo bem disposto”. 18 Mas Zacarias disse ao anjo: “Como terei certeza disto? Pois sou velho e minha mulher também é velha”. 19 O anjo

Ihe respondeu: “Eu sou Gabriel, o que permanece de pé na presença de Deus e fui mandado para falar contigo e anunciar esta boa nova. 20 Pois bem! Ficarás mudo e não poderás falar até o dia em que estas coisas se realizarem, porque não acreditastes nas minhas palavras que vão se cumprir no seu devido tempo”. 21 Entretanto, o povo esperava Zacarias, estranhando sua demora no Santuário. 22 Quando afinal saiu e não podia falar, compreenderam que ele havia tido uma visão no Santuário. E ele, continuando mudo, se comunicava por meio de gestos. 23 Quando passaram os dias do seu ministério sagrado, voltou para casa. 24 Algum tempo depois, Isabel, sua esposa, concebeu e durante cinco meses ela não saiu de casa. 25 Dizia: “Deste modo o Senhor me tratou quando se dignou a eliminar a causa da minha vergonha entre os homens”.

Com base no relato acima citado, João Batista vem ao mundo em condições especiais, pois seus pais foram escolhidos pelo poder e vontade de Deus, e estes fogem completamente ao modelo da natureza, ou seja, a concepção não é possível em uma mulher estéril e cujos pais já estão em idade avançada, portanto, ele é desde já, incorporado no âmbito do sagrado e do extraordinário. Ademais, o seu temperamento, postura, normas de comportamento e, principalmente, sua missão, são estabelecidas e claramente definidas pelo anjo mensageiro ainda antes de nascer.

O anjo Gabriel exerce o papel de um profeta que ao dirigir-se a seu pai Zacarias, define João Batista como um asceta

e digno de receber os dons do Espírito Santo, para a realização das futuras conversões ao Senhor. Seu destino pois, já está esboçado. A ele ainda é auferida à graça de receber os dons de Elias,⁴ ou seja, de uma promessa apontada por vários profetas do Antigo Testamento de que ele (Elias) retornaria, antecedendo o Messias e ajudando-o em sua missão, preparando para este um terreno fértil.

No mesmo capítulo do Evangelho segundo Lucas, capítulo 1, versículos 39 a 45, registra-se a existência da primeira comunicação sensitiva entre o precursor, João Batista e o Messias, Jesus Cristo, ainda quando ambos se encontravam no ventre de suas respectivas mães, as primas, Isabel e Maria:

39 Naqueles dias, Maria se dirigiu a toda a pressa para a região montanhosa, a uma cidade da Judéia. 40 Entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel. 41 Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou no seio dela e ficou cheia do Espírito Santo. 42 Então, exclamou em voz alta: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu seio! 43 De onde me vem à felicidade de que a mãe do meu Senhor venha me visitar? 44 Logo que ouvi a voz da tua saudação, o menino saltou de alegria em meio seio. 45 Sim, feliz a que acreditou na realização do que lhe foi dito da parte do Senhor!”

4. É necessário perceber uma distinção fundamental entre o profeta Elias e o Elias das profecias. Enquanto o primeiro existiu efetivamente e marcou a tradição profética como um dos mais destacados entre os profetas do povo hebreu, o Elias das profecias, ao qual o anjo Gabriel se refere quando se dirige a Zacarias, existiu apenas enquanto esperança, promessa dos profetas como àquele que seria o precursor do Messias.

Com esse relato espera-se que seja marcado tanto a santidade de Isabel e Maria como de seus filhos João Batista e Jesus, todos foram os preteridos de Deus para servirem de intermediários à anunciação de seu Reino.

Finalmente chega o dia do nascimento do precursor, que é segundo o relato bíblico, seis meses mais novo do que Jesus. Novamente em São Lucas, capítulo 1, versículos 57 a 66, são descritas as circunstâncias em que se deu a cerimônia de circuncisão de João Batista, que segundo a tradição judaica, deveria ocorrer no oitavo dia do nascimento;

57 Chegou o dia de Isabel dar à luz e ela teve um menino. 58 Seus vizinhos e parentes souberam que o Senhor lhe tinha mostrado grande misericórdia e se alegravam com ela. 59 No oitavo dia foram circuncidar o menino e queriam dar-lhe o nome de seu pai, Zacarias. 60 Mas sua mãe interveio: “Não! Ele vai se chamar João!” 61 Disseram-lhe: “Mas não há nenhum dos teus parentes com esse nome!” 62 E perguntaram ao pai, com acenos, como queria que o chamassem. 63 Este pediu uma tabuinha e escreveu: “João é o seu nome”. E todos ficaram surpreendidos. 64 Naquele mesmo instante sua boca se abriu, sua língua se soltou e falava novamente, bendizendo a Deus. 65 Todos os vizinhos ficaram amedrontados, e por toda a montanha da Judéia se contavam estes acontecimentos. 66 Os que ouviam isso o retinham no seu coração e diziam: “Quem será este

menino?”. De fato, a mão do Senhor estava com ele.

A circuncisão era símbolo de iniciação entre os judeus, e como um rito de passagem, possibilitava aos iniciados o ingresso à Aliança firmada na tradição, entre Abraão e Javé. Segundo os autores Victor Codina & Diego Iraarazaval (1988), foi exatamente no exílio judaico que a circuncisão foi antecipada para o oitavo dia do nascimento; certamente, vivendo em ambiente pagão se pensou que não bastava ser filho de pais israelitas para ser considerado membro do povo de Deus. Seu sentido já é claramente religioso e de fé, sendo sua origem atribuída a Abraão (Gn 17, 9-14); é um sinal visível e carnal da submissão do povo a Javé (Ex 4,25) e sinal de Aliança entre Deus e o povo (At 7,8). Este rito que consiste na ablação completa do prepúcio que cobre a glândula viril, devia ser completado depois com um conhecimento e com a observância da Lei de Jeová..⁵

Entretanto, como um rito de significação puramente social, a circuncisão pode ser enquadrada na categoria das práticas que pela ablação, seccionamento e mutilação de qualquer parte do corpo, modificam de maneira visível para todos a personalidade de um indivíduo.⁶

O momento da cerimônia da circuncisão era também a oportunidade, segundo a tradição judaica, para escolha do nome a ser dado ao filho segundo a vontade do pai. Prevalece no entanto, a ordem emitida pelo anjo Gabriel quando apareceu a

⁵. CODINA & IRAARAZAVAL, 1988, p. 50.

⁶. VAN GENNER, 1978, p. 74.

Zacarias, de que o menino se chamaria João. João é Jo-hanan que significa “Deus dá a graça” ou “Javé é favorável”.⁷

Durante a cerimônia de circuncisão de João Batista, seu pai Zacarias, recobra a voz e inicia uma louvação a Deus ao mesmo tempo em que profetiza sobre a missão de seu filho, segundo o seguinte relato contido no Evangelho de São Lucas, capítulo 1, versículos 67 a 79:

67 E Zacarias, seu pai, cheio do Espírito Santo, começou a profetizar: 68 “Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e libertou seu povo 69 e fez surgir para nós um Salvador poderoso na casa de Davi, seu servidor, 70 conforme tinha anunciado pela boca dos seus santos profetas de outrora, 71 para nos salvar dos nossos inimigos e da mão dos que nos odeiam. 72 Assim é que mostrou misericórdia para com nossos pais, e se lembrou da sua santa Aliança, 73 do juramento feito a Abraão, nosso pai, 74 de nos conceder que, sem temor, libertados da mão dos nossos inimigos, 75 nós o servimos em santidade e justiça sob seu olhar, todos os nossos dias. 76 E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque precederás o Senhor, preparando os seus caminhos, 77 para dar ao seu povo o conhecimento da salvação através da remissão dos pecados; 78 obra da eterna misericórdia do nosso Deus, que nos trará do alto a visita do Astro nascente, 79 para iluminar os que

⁷. Bíblia Sagrada, 1992, p. 1345 e MEGALE, 1978, p. 13, respectivamente.

vivem nas trevas e na sombra da morte, e para dirigir nossos passos no caminho da paz”.

Com esta fala do pai de São João Batista, diante dos convidados e sacerdotes à festa, consolida-se socialmente, a predestinação do menino, que veio ao mundo com uma finalidade específica: preparar os caminhos para chegada do Messias e testemunhá-lo perante seus discípulos, fiéis e seguidores.

A narrativa de São Lucas que até então apresentou informações sobre a anunciação do nascimento de São João Batista e sua circuncisão, encerra-se abruptamente sem maiores detalhes sobre a vida do Batista durante sua infância e adolescência. No capítulo 1, versículo 80, lê-se:

80 Entretanto, o menino crescia e se fortificava no espírito. E foi morar no deserto até o dia em que se manifestou diante de Israel.

O precursor de Jesus, João Batista, só reaparece nas escrituras do Novo Testamento quando já se encontra adulto, com a idade em torno de 30 anos, passando boa parte de seu tempo no deserto ou nas margens do rio Jordão praticando e pregando o batismo de conversão. O próprio termo Batista é acrescentado a seu nome para fazer menção à sua atividade de batizador.

A completa ausência de informações sobre a vida e as atividades do Batista durante o período de sua adolescência e o início da vida adulta nos escritos da Bíblia, incitam nos autores que tentam reconstituir sua biografia, à sugestão consensual, que

João Batista, durante esse período de sua vida, foi membro de uma seita chamada os Essênios, com a finalidade de preparar-se para pregar o batismo de conversão e anunciar a chegada do Messias.

Os Essênios se constituíam em um grupo religioso judaico fundado no século II a.C. Junto com os Fariseus e Saduceus; compunham os matizes religiosos mosaicos – inspirados em Moisés – daquela época. Eram originários do Egito, e durante a dominação do Império Selêucida, em 170 a.C., formaram um pequeno grupo de judeus, que abandonou as cidades e rumou para o deserto, passando a viver às margens do Mar Morto. Eles conservavam a tradição dos profetas e o segredo do que chamavam da Pura Doutrina.

De costumes irrepreensíveis, moralidade exemplar, pacíficos e de boa fé, dedicavam-se ao estudo espiritualista, à contemplação e à caridade. Entre os essênios todos os bens possuídos e adquiridos eram coletivamente distribuídos e todos trabalhavam igualmente pelo grupo. No ano de 1947 no vale do Khirbet Qumran, junto às encostas do Mar Morto, foram descobertos antigos manuscritos, guardados em vasos, os chamados Manuscritos do Mar Morto, cuja autoria, é atribuída aos Essênios.

Ao relatarem sobre a seita dos Essênios, alguns autores, como Edmond Bordeaux Szekely, afirmam que João Batista e até mesmo Jesus Cristo, dela foram membros. Os Essênios enviavam para fora curadores e mestres, escolhidos entre os membros da irmandade, entre os quais figuravam Elias, João Batista, João, o Bem-Amado, e o grande Mestre Essênio, Jesus.⁸ Outros autores como Moacyr Scliar, propõem às seguintes

⁸. SZEKELY, 1981, p. 23.

relações entre a forma como o Batista atuava e as coincidências com o modelo essênio de agir:

A seita dos essênios é importante por causa de suas possíveis relações com o Cristianismo. Alguns autores defendem a hipótese de que São João Batista seria essênio; o batismo por ele introduzido estaria baseado nos ensinamentos da seita. Como os essênios, ele era um asceta (vivia no deserto, alimentando-se de gafanhotos e mel silvestre); como os essênios, tinha expectativas escatológicas. Até mesmo sua linguagem tem pontos em comum com a dos documentos de Qumran. A expressão “raça de víboras”, que usa para os hipócritas que querem o batismo sem prévio arrependimento do pecado, seria um equivalente do “criaturas da serpente” (seres demoníacos) dos essênios.⁹

Uma das teses para que a Igreja Católica, e particularmente os escritos da Bíblia, não relatem os anos de adolescência e início da vida adulta tanto de São João Batista como do próprio Jesus Cristo, deve-se ao fato destes não querer admitir as influências na formação de ambos através dos ensinamentos dos Essênios, e não desejar, principalmente,

⁹. SCLAR, 1994, p. 44. Outro autor, Hugh Schonfield, ao descrever sobre a seita dos essênios, informa que até os dias atuais, existem seitas batistas como a dos mandeanos no Iraque que sustentam e acreditam que o verdadeiro Messias não foi Jesus Cristo e sim, João Batista. SCHONFIELD, 1993, p. 69-74. Para maiores informações sobre a história e principais doutrinas dos essênios, consultar ainda, GINSBURG, 1999.

construir nenhuma relação da citada seita com a constituição do Cristianismo.

Outro fator recorrente residia no perigo eminente de ao se igualar São João e Jesus como membros Essênios, os fiéis acabassem por atribuir-lhes importância igual, nas promessas messiânicas e escatológicas, e tal fato, naturalmente, feriria os principais preceitos do nascente Cristianismo, para quem Jesus seria o único e verdadeiro Messias, ao passo que São João, apenas o seu precursor e anunciador. Controvérsias e especulações à parte, João Batista surge, após alguns anos de completo esquecimento, nas Escrituras Sagradas, como um profeta, um pregador e anunciador da boa nova. Nesses relatos são descritos sua forma de atuar e as mensagens dirigidas aos fiéis, como será visto nas páginas seguintes.

1.3. A PROMESSA MESSIÂNICA NOS ENSINAMENTOS DE SÃO JOÃO BATISTA

De par com sua missão na terra de anunciar a vinda do Messias, inicia João Batista suas pregações no deserto da Judéia. Em sua fala exorta a conversão dos fiéis através da mudança de sentimentos através da renúncia e arrependimento dos pecados, para estarem puros no momento em que vierem a ouvir a boa nova trazida pelo tão esperado e prometido Messias. É neste ponto que as Sagradas Escrituras retomam a presença de São João através da descrição de suas mensagens. No Evangelho segundo São Mateus, capítulo 3, versículos de 1 a 12, lê-se:

3 1 Naqueles dias apresentou-se João Batista proclamando no deserto da Judéia: 2 “Convertei-vos, porque o reino dos céus já está perto”. 3 Dele

é que tinha falado o profeta Isaías: “Um mensageiro faz ressoar no deserto: Preparai o caminho do Senhor, retificai suas estradas”.⁴ O mesmo João trazia uma roupa feita de pêlos de camelo e um cinturão de couro em torno dos rins. Seu alimento era constituído de gafanhotos e mel silvestre.⁵ Acorriam então para ele os habitantes de Jerusalém, de toda a Judéia e de toda a região do Jordão.⁶ E eram batizados por ele no rio Jordão, reconhecendo publicamente os seus pecados.⁷ Vendo que muitos dos fariseus e saduceus vinham ao seu batismo, disse-lhes: “Raça de víboras”, quem vos sugeriu escarpades da cólera que está chegando?⁸ Portanto, produzi frutos que sejam o testemunho da vossa conversão,⁹ sem presumirdes que vos basta dizer dentro de vós: “Temos por pai Abraão”. Pois eu garanto que Deus pode fazer destas pedras surgirem filhos para Abraão.¹⁰ O machado já está à raiz das árvores, e toda árvore que não der bons frutos será cortada e lançada ao fogo.¹¹ É verdade que eu vos batizo somente com água em vista da conversão, mas aquele que há de vir depois de mim é mais poderoso do que eu, e eu não sou digno de lhe carregar as sandálias. Ele vos batizará no Espírito Santo e no fogo.¹² Tem a mão na pá e limpará bem sua eira: recolherá o trigo no celeiro. A palha, porém, vai queimá-la no fogo inextinguível.

A pregação do Batista é enfática: aponta para necessidade de conversão, para a renúncia ao pecado e o verdadeiro arrependimento, só desta maneira estaria a pessoa preparada

para receber a Boa Nova do reino a ser apresentada pelo Messias. A preparação da conversão se completa com a prática do batismo, que serviria como um rito de purificação de corpo e mente, mas não de espírito, pois esta prerrogativa é dada única e exclusivamente a Jesus Cristo.

Em outra passagem do Novo Testamento, no Evangelho segundo São Lucas, capítulo 3, versículos de 1 a 3 há uma informação do evangelista sobre o ano em que João Batista começou suas pregações, bem como às condições políticas e religiosas da época:

3 1 No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia, Herodes governador da Galiléia, seu irmão Felipe governador da Ituréia e da Traconítide e Lisânias governador de Abilene, 2 sob o pontificado de Anás e de Caifás, a palavra de Deus foi dirigida a João, filho de Zacarias, no deserto. 3 Ele começou a percorrer toda a região do Jordão, pregando o batismo de conversão para a remissão dos pecados.

É de suma importância o registro histórico e político, descrito por Lucas, pois denota uma necessidade de não só descrever o fato do ministério do Batista, mas contextualizá-lo no tempo e no espaço, a propósito, ele é o único evangelista a dessa forma proceder.

Em outra passagem do mesmo Evangelho, há uma descrição de indagações dirigidas ao Batista, por aqueles que ouviam suas pregações, com especial destaque para a forma de

como deveriam proceder para receber a Boa Nova que seria anunciada pelo Messias; no capítulo 3, versículos 10 a 18 lê-se:

10 O povo lhe perguntava: “Então que devemos fazer?” 11 João respondia: “Quem tem duas túnicas dê uma ao que não tem nenhuma; e quem tem o comer faça o mesmo”. 12 Os cobradores de impostos foram também para se batizar e lhe perguntaram: “Mestre, que devemos fazer?” 13 Ele respondeu: “Não exigais nada além do que foi estabelecido”. 14 Alguns soldados também lhe perguntaram: “E, nós? Que devemos fazer?” Respondeu: “Não maltrateis ninguém para extorquir dinheiro, nem façais denúncia falsa; e contentai-vos com o vosso ordenado”. 15 Como o povo estava na expectativa e todos perguntavam a si próprios se João era ou não o Messias, 16 ele respondeu a todos: “Eu vos batizo com água, mas já está vindo alguém que é mais poderoso do que eu. Não sou digno de desamarrar-lhe as correias das sandálias. Ele é quem vos batizará com o Espírito Santo e o fogo. 17 Tem nas mãos a pá com que limpar sua área e recolher o trigo no celeiro. E queimará a palha no fogo inextinguível”. 18 Assim e por muitas outras exortações, anunciava ao povo a Boa Nova.

E como forma de cumprimento das profecias do Antigo Testamento, Jesus se dirige ao rio Jordão e recebe o batismo ministrado por João Batista. O rito do batismo do Messias é descrito em todos os quatro Evangelhos do Novo Testamento.

É a partir do batismo que Jesus inicia suas pregações, ele serve pois, de um rito de passagem tanto para Jesus como para João Batista. O primeiro, inicia seu ministério e o segundo, encerra-o, pois, ao batizá-lo, João Batista oferece o seu testemunho de que aquele é o Messias, e sua missão é finalizada. Em Mateus, capítulo 3, versículos 13 a 17, registra-se o batismo de Jesus;

13 Aparece então Jesus, vindo da Galiléia ao rio Jordão, ao encontro de João para ser batizado por ele. 14 João, no entanto, queria fazer com que mudasse de idéia: “Eu é que devo ser batizado por ti”, dizia ele, “E tu vens ao meu encontro?” 15 Respondeu-lhe Jesus: “Deixa estar por enquanto, porque assim é que convém cumprirmos toda a justiça”. Diante disto João consentiu. 16 Logo que foi batizado, Jesus saiu da água. Eis que os céus se abriram para ele. Viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e vir sobre ele. 17 E eis que uma voz, vinda do céu, dizia: “Este é o meu filho predileto, no qual encontro toda a minha satisfação”.

Realizado o batismo de Jesus Cristo, João Batista sai de cena, ele não é mais o pregador que preparou o terreno para chegada do Messias, mas sua testemunha, aquele que aponta e afirma: “Eis o Cordeiro de Deus”.

1.4. TESTEMUNHO DE SÃO JOÃO BATISTA E O FIM DA MISSÃO DO PRECURSOR

Em algumas passagens do Novo Testamento, observa-se uma ênfase no destaque para figura de Jesus Cristo em detrimento da de São João; há todo um cuidado em não se exceder sua missão de precursor. Ele mesmo em suas pregações, como visto acima, afirma enfaticamente não ser o Messias. Em outra passagem, no Evangelho segundo São João, capítulo 1, versículos 19 a 28, há todo um conjunto de testemunhos apontados pelo Batista que negam qualquer possibilidade dele ser o preterido como Messias;

19 E este é o testemunho de João, quando os judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: “Quem és tu?” 20 Ele declarou sem restrições, mas claramente: “Eu não sou o Cristo”. 21 Então perguntaram: “Nesse caso quem és? Elias?” Respondeu: “Não sou”. “És o profeta?” De novo ele respondeu: “Não!” 22 Perguntaram-lhe: “Quem és afinal, pois precisamos dar uma resposta a quem nos enviaram? Que dizes sobre ti mesmo?” 23 Ele respondeu: “Sou uma voz que clama no deserto: endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías”. 24 Entre os enviados, encontravam-se também alguns fariseus, 25 que lhe perguntaram: “Por que então batizas, não sendo nem o Cristo, nem Elias, nem o Profeta?” 26 João respondeu: “Eu batizo com água. Mas entre vós está quem não conheceis. 27 Ele vem depois de mim e nem sequer sou digno de lhe desamarrar a correia da sandália”. 28 Isto aconteceu em Betânia, do outro lado do Jordão, onde João batizava.

O outro testemunho de João sobre Jesus é bem mais concreto: ele o aponta para seus seguidores e exalta-os a seguirem o Messias. Admite para todos os que o ouviam que era em Jesus que estava a salvação, que ele era enfim, o tão prometido e esperado filho de Deus. No Evangelho de São João, capítulo 1, versículos 29 a 37, João Batista anuncia a Jesus, identificando-o como o Cordeiro de Deus;

29 No dia seguinte, vendo Jesus que vinha a seu encontro, exclamou: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” 30 Este é aquele de quem eu afirmei: Depois de mim vem um homem que me precedeu, porque existia antes de mim. 31 Eu mesmo não o conhecia; mas, para que ele fosse manifestado a Israel vim batizar com água”. 32 João declarou ainda: “Vi o Espírito descer do céu, como uma pomba, e pousar sobre ele”. 33 Eu mesmo não o conhecia. Mas quem me enviou para batizar com água me disse: ‘Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, este é que batiza com o Espírito Santo’. 34 Ora, eu vi isto, portanto dou testemunho de que ele é o Filho de Deus. 35 No dia seguinte, João se encontrava lá de novo, com dois discípulos. 36 Vendo Jesus que ia passando disse: “Este é o Cordeiro de Deus”. 37 Os dois discípulos o ouviram e seguiram Jesus.

O último testemunho de João Batista como que sacramenta o fim de sua missão. E é por ter consciência de sua pequenez diante do Messias, que João Batista sai da cena missionária para dar espaço e condição para que Jesus inicie

também a sua missão e o seu ministério. Essa propositura é posta no Evangelho segundo São João, capítulo 3, versículos 22 a 30:

3 22 Depois disto, Jesus foi com seus discípulos à região da Judéia. Demorava-se ali com eles e batizava. 23 João também estava batizando em Ainom, perto de Salim, porque ali havia bastante água. E muita gente ia para lá e era batizada. 24 João, de fato, ainda não tinha sido atirado na cadeia. 25 Mas surgiu uma discussão entre um judeu e os discípulos de João, a propósito da purificação. 26 Foram, pois, falar com João: “Mestre, aquele que estava contigo no outro lado do Jordão, do qual deste testemunho, também começou a batizar e todos vão à sua procura!” 27 João respondeu: “Ninguém pode atribuir-se coisa alguma se não lhe for dada do céu. 28 Vós mesmos sois testemunhas de que eu havia dito: ‘Não sou eu o Cristo, mas apenas o enviado antes dele’. 29 Quem tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que o ajuda e o atende, se alegra muito quando escuta a voz dele. Assim, minha alegria agora está completa. 30 É preciso que ele cresça e eu seja diminuído.

Da mesma forma em que São João testemunha a vinda do Messias, este também o testemunha sobre o seu papel e importância no cumprimento das promessas messiânicas. Ao testemunharem-se espera-se colocar cada coisa em seu “lugar”, marcando-se em definitivo, a posição de cada um na construção do nascente Cristianismo, conforme descrito no Evangelho de São Mateus, capítulo 11, versículos 1 a 15:

11 ¹ Quando Jesus acabou de dar estas instruções aos seus discípulos, partiu dali para ensinar e pregar nas cidades da região. ² Ora, João Batista estando preso, ouviu falar das obras de Cristo. Mandou que seus discípulos fossem lhe perguntar: ³ “És tu aquele que há de vir ou devemos esperar por outro?” ⁴ Jesus lhes respondeu: “Ide relatar a João o que vedes e ouvis: ⁵ cegos recobrem a vista e coxos andam; leprosos são curados e surdos ouvem; mortos ressuscitam e a Boa Nova é anunciada aos pobres; ⁶ e feliz aquele que não perder a fé por causa de mim!” ⁷ Quando eles partiram, começou Jesus falar às multidões a respeito de João: “Que fostes contemplar no deserto? um arbusto agitado pelo vento? ⁸ Que fostes ver, então? um homem com roupas finas? Vede: os que usam roupas finas moram nos palácios reais. ⁹ Mas, afinal, que fostes ver? Um profeta? Sim, eu vos digo, e mais que um profeta. ¹⁰ Este é aquele do qual está escrito: Eis que envio o meu mensageiro à tua frente, a fim de preparar-te o caminho. ¹¹ Eu vos declaro esta verdade: nunca surgiu entre os homens alguém maior do que João Batista. E, no entanto, o menor no Reino dos céus é maior do que ele. ¹² Desde os dias de João Batista até agora o Reino dos céus tem sido assaltado. E são os violentos que o conquistam. ¹³ Com efeito, todos os profetas, bem como a Lei, profetizaram até João. ¹⁴ E, se quiserdes compreendê-los, João é o Elias que estava para vir. ¹⁵ Quem tiver ouvidos, que escute bem.

Observe-se que Jesus testemunha a João quando este já está preso – por ordem do rei Herodes Antipas – e só após responder as suas dúvidas sentidas na prisão, tais como: se ele seria realmente o Messias. Neste sentido, parece claro o intento do evangelista: mostrar a fraqueza humana de João, pois mesmo batizando e testemunhando sobre Jesus, ele fraqueja em sua fé. Cabe pois destacar-se e demonstrar-se a superioridade de Jesus. O próprio Jesus enaltece a João na sua pregação mas, no entanto, afirma ser ele enorme na terra, mas o menor no reino dos céus. Outro dado interessante que corrobora com o acima descrito, é o fato de que Jesus e João fecham o ciclo das profecias e dos profetas.

Com o anúncio do Reino de Deus feito pelo Messias e profetizado por João, em seus ensinamentos, não é mais necessário a figura de um profeta, nem tampouco, de mensagens escatológicas, o reino já foi informado e oferecido aos homens e o grande mistério a ser doravante seguido é o da fé, ou seja, a crença de que Jesus realmente existiu e que era o filho do Deus vivo, criador do mundo e dos homens, bem como, à crença na vida eterna e na existência do reino que Deus preparou e reservou para toda a humanidade.

Em um dos sermões de Jesus Cristo ele desvenda a razão pela qual não poderia apresentar-se ao mundo sem um precursor para preparar-lhe o caminho e, principalmente para testemunhá-lo. A razão é simples: a descrença do homem com os fatos do divino. No Evangelho de São João, capítulo 5, versículos 31 a 47, Jesus explica:

5 31 Se eu desse testemunho de mim mesmo, o meu testemunho não seria digno de fé. 32 Outro é

que dá testemunho de mim, e sei que é digno de fé o que afirma de mim. 33 Vós mandastes perguntar a João e ele deu testemunho da verdade. 34 Mas não invoco testemunho humano, se vos digo isto, é para vossa salvação. 35 João era uma lâmpada que queimava e iluminava e à sua luz quisestes vos alegrar um momento. 36 Mas tenho um testemunho maior que o de João: as obras que o Pai me deu para cumprir. Essas obras eu as faço e dão o testemunho de que o Pai me enviou. 37 Sim, o Pai que me enviou dá testemunho de mim. Nunca ouvistes sua voz, nem vistes sua face, 38 nem conservais em vós sua palavra porque não credes naquele que me enviou. 39 Percorreis as Escrituras, pensando ter nelas a vida eterna, mas elas também dão testemunho de mim, 40 e vós não quereis vir a mim para terdes a vida! 41 Não recebo a glória que vem dos homens. 42 Aliás, eu vos conheço: não tendes em vós o amor de Deus. 43 Vim em nome de meu Pai e não me recebeis, se outro vier no seu próprio nome, certamente o haveis de receber. 44 Como é possível que creiais, se recebeis glória uns dos outros e não procurais a glória que só vem de Deus? 45 Não penseis que vos acusarei ante o Pai. Vosso acusador será Moisés, em quem colocais todas as vossas esperanças. 46 Porque, se acreditásseis em Moisés, acreditaríeis também em mim, pois foi sobre mim que ele escreveu. 47 Mas, se não credes nos seus escritos, como acreditareis nas minhas palavras?''.

Nos termos postos no discurso de Jesus, descrito pelo evangelista São João, o mistério da fé e a crença na existência de Deus é o que definiria a figura do cristão. Profetas sob a inspiração divina, profetizaram sobre o Reino; precursores, como São João também cumpriram o seu papel em preparar e anunciar a existência do Deus único, mas, no entanto, como exposto por Jesus, somente Deus é aquele que testemunha o filho e seu Reino; com tal fala, Jesus minimiza a importância do Batista, ele parece ser apenas um instrumento nos mistérios e desejos de Deus e de seus planos para a humanidade.

O próprio evangelista São João corrobora com esta perspectiva, quando afirma que João Batista não era a luz, mas a testemunha da luz, como exposto no capítulo 1, versículos 6 a 11;

6 Surgiu um homem enviado por Deus. Seu nome era João. 7 Ele veio como testemunha, para falar a respeito da luz, para que todos cressem por meio dele. 8 Ele não era a luz, mas a testemunha da luz. 9 Só o Verbo era a luz, a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todo homem. 10 Ela estava no mundo, e o mundo foi feito por ela, mas o mundo não o reconheceu. 11 Ela veio até a sua própria terra e a sua gente não a acolheu.

Assim é que São João Batista ao ser mencionado nos Evangelhos e, posteriormente, nos Atos dos Apóstolos, aparece como aquele que preparou e testemunhou a vinda do Messias, nada além disso. Em duas passagens dos Atos dos Apóstolos João Batista é lembrado nos termos descritos acima. Nos

capítulos 13, versículos 24 a 25 e 19, 1-5 respectivamente, lê-se:

24 Precedendo sua vinda, João tinha proclamado a todo o povo de Israel a mensagem do batismo de conversão. 25 Quando João estava para encerrar a sua missão, declarou: ‘Quem pensais que eu seja? Eu não sou esse tal. Mas depois de mim virá aquele a quem não sou digno de desamarrar as correias das sandálias’.

19 1 Enquanto Apolo se achava em Corinto, Paulo, depois de percorrer as regiões montanhosas, chegou a Éfeso e lá encontrou alguns discípulos. 2 E perguntou-lhes: “Recebestes o Espírito Santo quando abraçastes a fé?” Eles responderam: “Mas nem sequer ouvimos dizer que existe um Espírito Santo”. 3 Ele continuou: “Então, que batismo recebestes?” Eles replicaram: “O batismo de João”. 4 Paulo explicou: “João dava um batismo de conversão, dizendo ao povo que devia crer naquele que viria depois dele, isto é, em Jesus”. 5 Ouvindo isto, foram batizados no nome do Senhor Jesus.

Os últimos relatos bíblicos que dão conta de João Batista, contidos nos Evangelhos do Novo Testamento, são as razões torpes que eclodiram na prisão e execução do precursor. Em São Marcos, capítulo 1, versículos 14 a 29, há uma descrição minuciosa sobre o flagelo e martírio do Batista:

6 14 Entretanto, o rei Herodes ouviu falar a respeito de Jesus, pois seu nome tinha ficado famoso, e uns diziam: “João Batista ressuscitou dos mortos, e é por isso que o poder dos milagres está sendo exercido por ele”. 15 Mas outros diziam: “É Elias”. Outros ainda: “É um profeta, igual aos antigos profetas”. 16 Herodes, tendo ouvido falar disso, dizia: “É João, a quem mandei degolar: é ele que ressuscitou”. 17 De fato, o próprio Herodes tinha mandado prender João e guardá-lo na prisão, por causa de Herodíades, esposa de seu irmão Felipe, que tinha tomado por mulher. 18 De fato, João tinha dito a Herodes: “Não te é permitido viver com a mulher do teu irmão”. 19 Por isso Herodíades o detestava e procurava matá-lo, mas não o conseguia, 20 porque Herodes respeitava a João, sabendo que era um homem justo e santo, e o protegia. Ficava assombrado com as coisas que ouvia falar a respeito dele. E até o escutava de boa vontade. 21 Até que o dia oportuno chegou, quando Herodes, por ocasião do seu aniversário de nascimento, deu um banquete aos grandes de sua corte, aos tribunos e aos nobres da Galiléia. 22 A filha de Herodíades compareceu e dançou, agradando a Herodes e aos convidados. O rei disse, então, à moça: “Pede-me, e eu te darei o que quiseres”. 23 E jurou-lhe mais de uma vez: “Seja o que for aquilo que me pedires eu te darei, até mesmo a metade do meu reino!” 24 Ela saiu e perguntou à mãe: “Que devo pedir?” A resposta foi: “A cabeça de João Batista”. 25 Voltando depressa para junto do rei, ela apresentou seu pedido: “Quero que me dê, agora mesmo, num

prato, a cabeça de João Batista!” 26 O rei ficou muito triste, mas, por causa dos seus repetidos juramentos e dos convidados, não quis faltar à palavra. 27 E o rei ordenou logo a um guarda que trouxesse a cabeça de João. O guarda foi, e o degolou na prisão. 28 Depois trouxe a cabeça num prato e o entregou à moça, e esta a entregou à mãe. 29 Quando os discípulos de João souberam disso, foram buscar o seu corpo e o puseram num sepulcro.

João Batista foi aprisionado por Herodes Antipas, filho de Herodes que mandou matar as crianças de Belém, quando Jesus nasceu. E com base na passagem do Evangelho acima citado, Herodes Antipas nutria por João Batista um profundo respeito, no entanto, é um tanto estranho que um tetrarca – constantemente ameaçado em seu poder pelos profetas e líderes religiosos, em decorrência de suas críticas contra a situação de extrema exploração, inclusive na cobrança abusiva de impostos, aos quais o povo estava constantemente submisso – mantivesse afeição ou admiração por João Batista, que para muitos era tido como um profeta.

Ademais há duas diferentes versões nos Evangelhos de Marcos e Mateus: enquanto para o primeiro Herodes nutria respeito por João, no segundo, no capítulo 14, versículos de 1 a 12, o que Herodes receava ao aprisionar João Batista, era o povo e não este; ele temia uma rebelião popular, uma vez que o povo o considerava um profeta de grande destaque.¹⁰

¹⁰. Segundo a explicação de João Batista Megale: “Herodes Antipas era filho de Herodes, o Grande, aquele que mandara matar as crianças de Belém, quando Jesus nasceu. Antipas tinha dois irmãos, Júlio Herodes

Entrementes, embora o texto bíblico não faça menção à outra causa para a prisão de João Batista senão a um fato estritamente passional, há, segundo Hugh J. Schonfield, uma causa política subjacente a este acontecimento. Para o citado autor, o casamento entre Herodes e Herodíades gera a separação não só entre ela e Felipe, mas entre o próprio Herodes e sua legítima esposa. Esta, ao saber da traição do marido, vai até seu pai, um rei nabateo e lhe conta dos planos de Herodes de abandoná-la. O rei, que já mantinha uma disputa territorial com Antipas, reacende o desejo de combatê-lo, ante o insulto que sua filha havia recebido. Antipas, por sua vez, fica obrigado a desguarnecer as tropas da Galiléia para enfrentar a ameaça árabe liderada por Aretas (o rei).

Temendo – em conseqüência desse quadro político – um levante popular, visto que os conflitos internos entre sua administração e o povo também eram preocupantes, Antipas detém João Batista, que era considerado incômodo para o equilíbrio de seu governo e conseqüentemente, bastante perigoso.¹¹

Os motivos que levaram a execução – degola – de João Batista continuam, na verdade, a ser um mistério, no entanto, prevalece à versão bíblica de que ao criticar a união incestuosa e ilícita de Herodes com a sua sobrinha, Herodíades, ele extrapola

(chamado nos Evangelhos de Felipe) e Aristóbulo. Aristóbulo tinha uma filha, de nome Herodíades. Herodíades era casada com seu tio, Júlio Herodes (Felipe), um homem sem grande futuro. Por isso, Herodíades, ambiciosa, largara seu marido para se unir a seu segundo tio, Herodes Antipas, que, conforme seus cálculos, haveria de ter muito mais projeção. João Batista teve a coragem de condenar a união de Antipas com sua sobrinha, ambos já anteriormente casados. Herodiades, temendo a influência que João Batista poderia exercer sobre Antipas, conseguiu que este o mandasse prender.” MEGALE, 1978, p. 110.

¹¹. SCHONFIELD, 1988.

os limites de uma simples pessoa do povo com o seu desrespeito a autoridade de um nobre.

Ao ser executado, São João Batista recebe outro adjetivo: o de mártir. A palavra mártir é de origem grega. Significa “testemunha”. Reserva-se o nome de mártir aos que deram um tipo especial de testemunho da fé: deram a própria vida, de forma violenta! Morreram pela fé, vítimas da violência.¹²

Segundo Flavio Josefo, um historiador Judeu, João Batista foi decapitado no cárcere da fortaleza de Maqueronte, uma das residências de Herodes Antipas. Ela ficava perto do Mar Morto e de Qumrân.¹³ E, segundo Butler, a decapitação do Batista se deu no dia 29 de agosto apesar de não existir menção ao ano em que tal fato aconteceu.¹⁴

São João Batista e Jesus são os únicos santos em que a Igreja Católica comemora o dia de nascimento e não o de morte, ficou instituído que a festa religiosa em comemoração ao santo São João seria o dia 24 de junho.¹⁵

Com base no exposto, São João Batista se transformou em um personagem de extrema importância para o Cristianismo; ele foi considerado, sobretudo, como um escolhido de Deus, seus atributos de precursor, anunciador e mártir, conferiram-lhe atributos de uma espécie de “homem da Igreja e testemunho da fé”, asceta, rígido nos valores e preceitos de seu tempo e de sua crença, ele não aparece em nenhum momento no discurso bíblico, como o “bonachão”, o “santo casamenteiro”, o “cordeirinho” e “brincalhão” que por exemplo, a literatura folclórica o idealizou

¹². MEGALE, 1978, p. 109.

¹³. MEGALE, 1978, p. 112.

¹⁴. BUTLER, 1992, p. 266.

¹⁵. “O Nascimento de S. João Batista foi uma das primeiras festas a ter um lugar definitivo no calendário da Igreja, justamente na data onde hoje se encontra, ou seja, o dia 24 de junho.” BUTLER, 1989, p. 246.

e instituiu, como veremos nas páginas a seguir; pelo contrário, tais adjetivos, são o oposto aos atribuídos pelos relatos bíblicos.

No entanto e paradoxalmente, as festas juninas, momento em que se comemora o nascimento de São João Batista, só existe na literatura folclórica na medida em que é introduzido o discurso religioso e bíblico atribuído ao santo. O “São João festeiro” não surge do nada; para se instituir como um fenômeno, ele é antes de qualquer coisa, resultado da fé e da crença de um povo em seu santo precursor. A razão enfim de sua festa é de fundo religioso.

Mas como encontrar no São João das fogueiras e dos fogos o asceta e rígido Batista? Obviamente, o que se configura como sugestão para tal possibilidade é a tentativa de invenção de uma tradição. Em outras palavras, a invenção de uma festa que constrói um mito vinculado a toda uma adjetivação anterior – propalada pelo discurso bíblico – e legitimado e resignificado para atender exatamente a todo um conjunto de novos caracteres e atribuições que surgem como “criação do povo” e como “manifestação cultural e popular”, é o que será visto a seguir.

CAPÍTULO II

A FESTA DE SÃO JOÃO NO DISCURSO FOLCLÓRICO

Se São João soubesse
Quando era o seu dia,
Descia do céu a terra,
Com prazer e alegria.

Acorda, João!
Acorda, João!
João está dormindo,
Não acorda, não!
(CASCUDO, 1956:155)

2.1. A FESTA DE SÃO JOÃO E A VISÃO DOS FOLCLORISTAS

A criação do saber folclórico é bastante recente e quase tudo que já foi escrito até hoje no Brasil sobre a festa de São João é de vertente folclórica. Renato Ortiz ao formular o conceito de cultura popular observa que:

É somente na segunda metade do século XIX que os estudiosos da cultura popular vão considerar-se “folcloristas”. Esse neologismo inglês, cunhado

tardiamente, não é apenas uma inovação terminológica – ele encobre uma disposição que redefine o estudo das tradições populares. Pode-se captar esta mudança, quando focalizamos a Folklore Society, criada na Inglaterra em 1878. A escolha não é arbitrária – são os ingleses que fundam a primeira associação de folclore cuja ambição é transformá-lo em uma nova ciência. (...) (ORTIZ, s/d:28)

Para realizar tal intento os folcloristas ingleses consideraram como objeto principal de seus estudos, a coleta das narrativas tradicionais, os sistemas populares de crenças e superstições, além dos sistemas e formas populares de linguagem.¹⁶

Com base no elenco de possibilidades a serem descobertas – histórias, contos, crenças e toda e qualquer forma de narrativa ou expressão que pudessem vir a ser catalogadas como “popular” ou “folclórica” – inicia-se uma corrida contra o tempo: salvar o dito – para usar uma expressão de Clifford Geertz –¹⁷ antes que ele desapareça como elemento ou fato cultural.

O “popular”, o fato cultural, tal ou qual costume, enfim, são analisados comumente como estando em um processo eminente de extinção ou redefinição, sob pena de restar apenas seu registro em museus ou periódicos que apontam para sua existência. E a tradição, essa grande categoria explicativa do “real”, tão cara aos folcloristas, passa a ser o principal valor e relíquia desses povos e dessas culturas que necessitam de alguém,

¹⁶. BRANDÃO, 1988, p. 28.

¹⁷. GEERTZ, 1978, p. 31.

de um interlocutor que fale por eles e demonstre a sua importância e riqueza cultural;

Como os românticos, os folcloristas cultivam a tradição. O elemento selvagem encerra, portanto uma positividade, permitindo aproximá-lo da riqueza das pedras preciosas. O antiquário tinha um afã colecionador, o folclorista, respaldado pelo Positivismo, cria o museu das tradições populares. (ORTIZ, s/d:39)

Ao que tudo leva a crer, os folcloristas tomam para si a responsabilidade de guardiões e detentores desse novo campo de saber recém descoberto; outorgam para si, igualmente, o título de tutores e porta vozes da fala, da ação, da sensibilidade do “outro”, que necessita, sobretudo, de proteção..

Ao falar pelo “outro”, ao catalogar os seus costumes e hábitos, cria-se todo um corolário de fatos e acontecimentos que acabam por ser descontextualizados histórica e culturalmente, e substancializa e congela o tempo e o espaço da própria ação e liberdade criadora dos sujeitos. Disto resulta a produção incalculável de toda uma coleção de dados, de meras descrições que muito pouco dizem sobre a cultura e o seu povo.

O pensamento folclórico se sustenta, portanto, na defesa de um estado de cultura já extinto ou em vias de extinção; em narrar romanticamente um tempo já vivido, corrompido pela modernidade, pela inclusão de valores anômalos à cultura de origem, ou como estando em um “estado puro”, intocável, preservado com todas as suas características. Esse “achado”, com sabor arqueológico, parece ser a grande relíquia e dádiva do folclorista.

E tal ou qual constatação – que sinalize para a extinção ou para a pureza de um determinado costume cultural – comumente é apontada logo que a descrição de um folguedo ou qualquer outra forma de atividade ou manifestação é concluída. O desfecho do raciocínio é sinalizar, sobretudo, para o perigo eminente de sua extinção; o final sempre é melancólico, pois perde a cultura e seu povo, por não mais cultuar valor tão importante. O caminho para preservar ou despertar o fato folclórico é a gestação de uma memória que funciona como um estoque, um depósito de lembranças de fatos que podem até nem ser antigos ou pertencentes há um tempo pretérito, mas devem necessariamente, ser apresentados como tal. Assim, a “tradição criada” confere a ilusão de perenidade, reabilitando o nexó entre o presente e o pretérito reconstruído, como afirma Renato Ortiz. (ORTIZ,s/d:27)

O tempo preferido dos folcloristas, e entre eles se incluía os folcloristas brasileiros, é, pois, o pretérito, ou seja, um tempo já passado, uma reminiscência recheada de um saudosismo que muitas vezes classifica o povo investigado como ingênuo, crédulo, místico, alegre, festivo, ao mesmo tempo em que bizarro, infantil e rústico. Seus valores e costumes passam a ser rotulados como representando a chamada “cultura de raiz”, a mais autêntica forma de expressão e respeito à cultura de origem.

É sob esse viés de raciocínio que as festas de São João no Brasil foram e têm sido descritas pelos folcloristas. São textos, livros e periódicos diversos que tratam do evento ou como parte constitutiva de um passado que resiste bravamente aos apelos da modernidade, que sabe de forma exemplar, defender a autenticidade da origem e da tradição como valores insofismáveis ou, é apresentada como um costume já extinto, que apenas é lembrado na memória como um acontecimento perdido em algum lugar do passado.

As festas de São João são, antes de quaisquer outros sentidos que lhe sejam atribuídos, pensadas, analisadas e descritas como um importante acontecimento; um folguedo que significa entretenimento, instrumento de fomento à socialização e aproximação comunitária, além de um evento que possibilita a comunicação entre o mundo ordinário – profano e o espaço extraordinário – sagrado.

Para descrever todos esses sentidos e facetas da festa, o discurso folclórico percorre caminhos diversos, busca as mais variadas matizes de explicação, mas sempre chega a uma opinião semelhante: a de conceber as festas juninas como um bem que serve de exemplo paradigmático a classificar uma determinada cultura e seu povo.

2.2. SOBRE AS ORIGENS DA FESTA DE SÃO JOÃO NO BRASIL

Um fato recorrente no discurso folclórico é a necessidade de marcar uma origem, um começo, um início, de preferência datado e definido espacialmente ao evento que descreve. Em outras palavras, é como se ao buscar por um passado, se justificasse não só a sua perenidade, mas sua longevidade, enquanto instrumento de substância e solidez.

O discurso folclórico não descreve o fato por si mesmo, nem se utiliza de uma abordagem sincrônica, pelo contrário, a diacronia, o sentido de um tempo de longa duração, serve como instrumento não só de legitimidade, mas de alicerce.

Assim é que uma idéia unânime entre todos os folcloristas investigados, é a defesa de que a festa de São João possui uma

origem européia e que chegou ao Brasil, através dos portugueses, em meados do século XVI.

Para reforçar a origem e a longevidade da festa de São João os folcloristas destacam e citam duas passagens sobre a existência dessa festa já entre os índios, à época da colonização. A primeira, é a do padre Fernão Cardim, que em uma viagem e missão Jesuítica, no período de 1583 a 1590, sinaliza para realização da festa de São João entre os índios:

Três festas celebram estes índios com grande alegria, aplauso e gosto particular. A primeira é as fogueiras de São João, porque suas aldeias ardem em fogo, e para saltarem as fogueiras não os estorva a roupa, ainda que algumas vezes chamusquem o couro.(...) ¹⁸

A segunda, é o relato de Frei Vicente do Salvador, que no ano de 1603, escreve que

os índios acudiam a todos os festejos portugueses com muita vontade, por que são muito amigos de novidades, como no dia de São João, por causa das fogueiras e capelas. (SALVADOR apud BETTENCOURT, 1947:81)

Definido a “descendência”, o “berço” da festa de São João, o passo seguinte no raciocínio folclórico, é exatamente

¹⁸. As outras duas festas a que se refere o autor, são as de ramos e a de cinzas. CARDIM, 1939, p. 280.

buscar os seus significados, às razões de sua existência, ou seja, suas vinculações espaço-temporais com uma determinada cultura e seu povo. É neste afã de impor substância ao evento que se inicia toda uma polêmica em torno do significado da festa.

Para alguns folcloristas, impera a teoria de que a festa de São João corresponde exatamente ao período do solstício de verão europeu, que no caso do Brasil, acontece no solstício de inverno; já para outros, elas não possuem nenhuma referência com o solstício e independem deste aspecto climático. No bojo dessa discussão, é introduzida toda uma celeuma em torno das origens da festa: se seu conteúdo é uma reminiscência de antigos cultos pagãos ou cristãos.

Em outras palavras, a questão é definir se as festas de São João são ou não uma continuidade de antigas cerimônias dedicadas ao fogo, as quais serviam como instrumento para afugentar os demônios e qualquer outra espécie de agouro, bem como, para propiciar à fertilidade e purificação da vegetação, garantindo assim, à provisão de alimentos; ou, se o fogo e as fogueiras, fartamente acessas na véspera de São João, são ou não uma referência à comemoração do nascimento de São João Batista, tal como propalado pela versão cristã.

No Brasil, entre alguns folcloristas, prevalece a tese solsticial; amparados nas teorias propostas por Sir. James G. Frazer – antropólogo evolucionista do final do século XIX – especialmente através de sua obra: *O Ramo de Ouro*, a festa de São João é explicada pela presença do fogo, e é, portanto, reminiscência de antigos cultos pagãos e não cristãos. Segundo o autor,

Em toda a Europa os camponeses têm, desde tempos imemoriais, o costume de acender fogueiras

em certos dias do ano e dançar e saltar à volta delas. Costumes desse tipo podem remontar, segundo as evidências históricas, à Idade Média, e sua analogia com costumes semelhantes observados na Antiguidade contribui, com forte coerência interna, para provar que sua origem deve ser procurada num período muito anterior à difusão do cristianismo. (FRAZER, 1978:214)

E acrescenta:

A época em que geralmente essas festas dos fogos eram realizadas em toda a Europa é o solstício de verão, isto é, a véspera do solstício (23 de junho) ou o próprio dia do solstício (24 de junho). Um leve colorido cristão lhe foi dado atribuindo-se-lhe o nome de festa de São João Batista, mas não pode haver dúvidas de que a celebração data de uma época muito anterior ao início da nossa era. (...) Embora se possa considerar como certa a origem pagã do costume, a Igreja Católica lançou sobre ele um véu cristão, declarando ousadamente que as fogueiras eram acesas em sinal do regozijo geral pelo nascimento do Batista, que oportunamente veio ao mundo no solstício de verão. (...) (FRAZER, 1978:218)

A mesma posição de que as festas de São João são uma reminiscência de antigos cultos pagãos e uma adaptação feita

pela Igreja Católica, para imprimir-lhe um sentido cristão, é defendido pelo historiador Peter Burke:

À noite de São João cai no Solstício de Verão. Nos inícios da Europa moderna, essa festa era a ocasião de muitos rituais, que incluíam acender fogueiras e pular por cima delas, tomar banho em rios, mergulhar ramos. O fogo e a água são símbolos usuais de purificação, de modo que é plausível afirmar que o significado da festa era a renovação e a regeneração, e também a fertilidade, pois existiam rituais para adivinhar se a próxima colheita seria boa ou se uma determinada moça se casaria no ano seguinte. O que tudo isso tem a ver com São João? É como se a Igreja medieval adotasse uma festa pré-cristã e a fizesse sua. (...) (BURKE, 1989: 205)

De forma bastante contundente o citado historiador na verdade está tentando desmontar toda uma linha de pensadores, estudiosos e folcloristas que tentam associar a festa de São João à figura mítica de São João Batista, o anunciador do Messias, segundo o Cristianismo. Ao afastar essa possibilidade, ele no máximo admite que houve uma adaptação por parte da Igreja medieval de uma festa pagã – a festa do fogo – em uma festa cristã, e acrescenta:

Assim como a festa do Solstício de Inverno, em 25 de dezembro, veio a ser celebrada como o nascimento de Cristo, da mesma forma a festa do Solstício de Verão veio a ser celebrada como o

nascimento do anunciador de Cristo. O banho no rio era reinterpretado como uma comemoração do batismo de cristo por São João no rio Jordão. São João parece ter envergado o papel de espírito da vegetação. Às vezes ele aparecia com um ramo na mão, e muitas vezes era apresentado como um eremita, com pouca roupa, vivendo em lugares selvagens. (...)” (BURKE,1989: 205)

Nesse mesmo caminho de explicação alguns folcloristas, como Alceu Maynard Araújo, irão defender que a festa de São João:

É a principal festa do solstício de inverno realizada em todo território brasileiro; as demais são satélites. Festa profundamente humana traz em seu bojo os apelos da arqueocivilização, é o ritual pagão que se transladou para o catolicismo romano que lhe deu como padroeiro um santo cuja data angiográfica se localiza no período solsticial, época no Brasil, do início das colheitas, dentre as quais se destaca o milho. (ARAÚJO, 1977:18)

Alberto Pimentel, um famoso folclorista português, ao escrever no início do século passado sobre a noite de São João defende, ao modo dos autores acima citados, a tese da adoção e adaptação da Igreja a um culto pagão, transformando-o em cristão. Neste sentido lucidamente ele problematiza:

(...) Como foi que pôde rodeiar-se de ruidosos e desenvoltos festejos a memória d'este austero Precursor, que viveu no Deserto uma vida de isenção e penitência; que só falava para fazer reconhecer a identidade do Messias ou para moralizar os costumes? Como foi que o asceta, o solitário, o purificador, que somente deixava a sua caverna para afirmar pelo apostolado a divindade de Jesus, e para conduzir à remissão dos peccados pela instituição do baptismo, como foi que o martyr, o prisioneiro, o decapitado, pôde transformar-se no santo aventureiro e folião, leviano e galhofeiro, patrono de estúrdias e licenciosidades, tal como o calendario popular o considera na tradição dos séculos? E' é a volta das ceremonias lithurgicas com que a igreja celebra o anniversario do Precursor, vieram agrupar-se os vestígios de um mytho solar, pela coincidencia chronologica d'esse anniversario com o solstício de verão. (PIMENTEL, 1905: 203-204)

E para justificar a adoção da Igreja Católica de uma festa de reminiscência pagã, assim assevera:

A Igreja Catholica repeliu a principio as praticas e tradições gentílicas, conseguindo banir algumas. Mas conformou-se com as da noite de S. João, talvez por se prestarem a uma interpretação orthodoxa: João Baptista foi o Precursor do Messias, e portanto o nuncio do verdadeiro lume

da fé e da luz redemptora das almas.

(PIMENTEL, 1905: 207)¹⁹

De opinião contrária à tese solsticial é o folclorista Rossini Tavares de Lima, que amparado nas análises de Van Gennepe, defende que o solstício de inverno no Brasil não corresponde ao solstício de verão europeu, portanto, não há como se sustentar que as festas de São João possuam alguma relação com antigas cerimônias pagãs do fogo;

Não acreditamos, como muitos julgam, que tenham algo a ver com o culto solar. Aliás, ao criticar os que defendiam esta tese, Van Gennepe costumava lembrar que o São João não coincide com o solstício de verão, que é no dia 21, do mesmo modo que o Natal não coincide com o solstício de inverno, a 21 do mês de dezembro. Em consequência, nem pela essência ou pelas origens, poderia ser solar; ele não se situa, como repetem os poucos avisados, no dia mais longo do ano, distinguido por diferentes povos.

(LIMA, 1961:17)

Outros folcloristas como o brasileiro, Melo Moraes Filho e o português, Ernesto Veiga de Oliveira, defendem, o primeiro, a versão cristã para a festa de São João, promovendo toda uma junção entre o relato bíblico, sagrado da figura de São João

¹⁹. Outros autores como BURTON apud CASCUDO, 1956, p. 153; CASCUDO, 1954, p. 478 e 1967, p. 28; CARNEIRO, 1982, p. 17 e PIMENTEL, 1905, p. 207-208, também defendem a teoria de que as festas de São João no Brasil ocorrem no período do solstício de inverno e que são uma reminiscência de antigos cultos pagãos.

Batista, tal como apresentado nos Evangelhos do Novo Testamento, da Bíblia Sagrada, com o aspecto profano, festivo da noite de São João enquanto que o segundo folclorista, destaca a impossibilidade dessas festas serem analisadas como antigos cultos solares, uma vez que quase todos os rituais que cercam a festa e à noite de São João, ocorrem a partir do cair da noite, ou seja, antes do nascer do sol. Vejamos seus depoimentos, respectivamente:

Nas antevésperas, na intimidade do lar, as moças reuniam-se à luz do candieiro, e os meninos, descendo aos pulos do sofá da sala, acercavam-se da avó, que tremendo com os lábios, rolando nos dedos as contas do rosário, narrava, sentada numa esteira, a lenda do Batista e das fogueiras.

E as moças, acomodando as crianças, e as crianças esbugalhando os olhos, a fitavam; uma vez resolvida, ela assim começava:

- vou contar-vos, meus netinhos, uma história do princípio do mundo. “Um dia, Nossa Senhora, que trazia a Nosso Senhor Jesus Cristo, foi visitar a sua prima Santa Isabel, que também trazia em seu bendito seio a S. João Batista. Apenas as duas sagradas primas se avistaram, o divino Batista, que não tardava a nascer, se ajoelharam em adoração a Jesus. Santa Isabel, que isto sentira, não tardou em comunicar o milagre à Virgem, que, exultando, perguntou-lhe: - “Que sinal me dareis, quando nascer vosso filho?” - “Mandarei plantar nesta montanha um mastro com uma boneca e acender em torno uma grande fogueira”, respondeu-lhe.

E de feito: na véspera de S. João a mãe de Deus, vindo de sua morada uma fumacinha, labaredas e o mastro, partiu, indo visitar Santa Isabel.

Desde então, concluiu a boa velha, é que se festeja o santo com mastros e fogueiras. (FILHO, 1979: 77)

Quanto à interpretação da festividade em função de velhos ritos solsticiais, o facto parece-nos ao mesmo tempo evidente e indemonstrável. O argumento de Van Gennep – a falta de coincidência dos dois dias (21 o solstício e 24 a festa) é naturalmente susceptível de interpretações diferentes, que não atingem a teoria solsticial; por outro lado, na verdade, esta não se pode basear numa argumentação concisa. Mais impugnável é a interpretação em função de ritos propriamente solares, visto que na verdade a quase totalidade dos costumes que desencadeiam forças benéficas ou divinatórias, têm lugar expressamente antes do nascer do Sol. Como nota Van Gennep, contrariamente à teoria solar, vê-se que “os raios do sol do S. João podem ser nocivos, seja durante todo o dia, seja quando nasce, visto que as ervas mágicas devem-se colher antes que eles as toquem e façam evaporar o orvalho da noite sagrada”²⁰; e

²⁰. Consultar Arnold van Gennep, *Manuel de Folklore Français Contemporain*. Torre Premier, IV, Paris, 1949, pp. 1734 e 1929. (nota nº 8, reproduzida de OLIVEIRA, 1965:105)

o mesmo sucede em relação às águas em geral.
(OLIVEIRA, 1965:59)

Controvérsias à parte, é provável que exatamente pela adesão ou não da teoria do solstício, as festas de São João sejam apresentadas pelos folcloristas como um evento repleto de magias, presságios e sortilégios.

A figura de São João – o mais destacado dentre os santos que compõem o chamado ciclo junino, ou joanino, Santo Antônio e São Pedro são os outros – é repleta de significações que lhe conferem o título de uma espécie de mago; à noite em que se comemora a véspera de seu nascimento – 23 de junho – possui um significado simbólico que aponta para a liminaridade do tempo, principalmente, a meia-noite, como um momento de alta tensão e expectativa; nesse dia, ainda, a água, o fogo, o orvalho e as ervas, possuem poderes milagrosos, principalmente o de servirem como oráculos.

Mas São João é apresentado e representado, sobretudo, como um santo casamenteiro e, sua festa, como um espaço para as práticas sensuais, não só na relação das pessoas entre si, mas das pessoas no contato com o próprio santo. Esses vários sentidos da festa são tratados nas páginas a seguir.

2.3. OS SIGNIFICADOS DA FESTA DE SÃO JOÃO

Antes mesmo de nos dedicarmos com mais afinco aos variados sentidos e significados particularmente da festa de São João, é mister uma rápida digressão para apresentarmos ao leitor, um dos santos juninos, ou do ciclo junino, que corresponde exatamente às festividades juninas que acontecem ao longo do mês de junho: o nosso querido Santo Antônio.

A primeira das festas do ciclo junino é a de Santo Antônio. A véspera deste dia, significativamente, foi escolhida oficialmente no Brasil como o Dia dos Namorados, dia 12 de junho.

O culto de Santo Antônio é, como o de São João, uma herança portuguesa. Sendo um santo português, nascido em Lisboa, foi também um dos mais populares e cultuados tanto em Portugal quanto no Brasil. Segundo os portugueses, a ação de Santo Antônio foi fundamental na guerra e o seu nome funcionava como arma contra perigos imbatíveis.

Na época do Brasil Colônia merece destaque o seu papel de militar, dadas às inúmeras guerras e revoltas durante as quais era invocado. E tanto fez ao lado das forças armadas brasileiras que recebeu patente e mesmo soldo em várias companhias do exército brasileiro. Recebeu ainda, por esta razão, o apoio dos militares, com dinheiro e prestígio, às suas igrejas, obras e festas. É incontável a quantidade de homenagens dedicadas a Santo Antônio; diversas Igrejas foram construídas em seu louvor, bem como diversas ruas, praças e pessoas levam o seu nome.

Atualmente Santo Antônio já não é mais cultuado como militar e sim como o “santo casamenteiro” e reparador de coisas perdidas. Luis da Câmara Cascudo (1969) cita um trecho de um sermão do padre Antônio Vieira, no Estado Maranhão, no ano de 1656, em que são relevados os maravilhosos poderes deste santo na resolução de vários problemas da vida humana:

Se vos adoce o filho, Santo Antonio; se vos foge o escravo, Santo Antônio; se mandais a encomenda, Santo Antônio; se esperais o retorno, Santo Antonio; se requereis o despacho, Santo Antônio; se aguardais a sentença, Santo Antônio; se perdeis a

menor miudeza da vossa casa, Santo Antônio; e, talvez, se quereis os bens alheios, Santo Antônio. (Padre Antonio Vieira, apud Cascudo, 1969:128).

Segundo o sociólogo Gilberto Freyre (1933) a escassez de portugueses na colônia sublinhou o valor do casamento ou mesmo da procriação (com ou sem o casamento), o que tornou populares os santos padroeiros do amor, da fertilidade, das uniões e instaurou uma grande tolerância para com toda espécie de união que resultasse no aumento da população no Brasil. Estes interesses abafaram não apenas os preconceitos morais como os escrúpulos católicos da ortodoxia.

Assim, os grandes santos nacionais tornaram-se, à época, aqueles aos quais a imaginação popular atribuía milagrosa intervenção capaz de aproximar os sexos, fecundar mulheres e proteger a maternidade, como Santo Antônio, São João, São Pedro, o Menino Jesus, N. Sra. do Bom Parto etc.

É bastante difundida a crença de que Santo Antônio se “devidamente” invocado, perturbado com pedidos de todo tipo e até mesmo “torturado”, arranja casamento, mesmo para a mais sem graça das moças. E é esta a qualidade mais prezada do santo durante as festas juninas. São João também tem estas funções e além de São Gonçalo (que continua sendo invocado com esta finalidade através de danças, no interior do Brasil). Sobre a importância de São João, Santo Antônio, São Gonçalo e São Pedro, formula Gilberto Freyre:

As funções desse popularíssimo santo são afrodisíacas; e ao seu culto se ligam até práticas e cantigas sensuais. É o santo casamenteiro por

excelência: “Dai-me noivo, São João, dai-me noivo, que quero me casar”. As sortes que se fazem na noite ou na madrugada de São João, festejado a foguetes, busca-pés e vivas, visam no Brasil como em Portugal, a união dos sexos, o casamento, o amor que se deseja e não se encontrou ainda. No Brasil faz-se a sorte da clara de ovo dentro do copo de água; a da espiga de milho que se deixa debaixo do travesseiro, para ver em sonho quem vem comê-la; a da faca que de noite se enterra até o cabo na bananeira para de manhã cedo decifrar-se sofregamente a mancha ou a nódoa na lâmina; a da bacia de água, a das agulhas, a do bochecho. Outros interesses de amor encontram proteção em Santo Antônio. Por exemplo, as afeições perdidas. Os noivos, maridos ou amantes desaparecidos. Os amores frios ou mortos. É um dos santos que mais encontramos associados às práticas de feitiçaria afrodisíaca no Brasil. É a imagem desse santo que freqüentemente se pendura de cabeça para baixo dentro da cacimba ou do poço para que atenda às promessas o mais breve possível. Os mais impacientes colocam-na dentro de urinóis velhos. São Gonçalo do Amarante presta-se a sem cerimônias ainda maiores. Ao seu culto é que se acham ligadas as práticas mais livres e sensuais. Atribuem-lhe a especialidade de arrumar marido ou amante para as velhas, como São Pedro a de casar as viúvas. Mas quase todos os amorosos recorrem a São Gonçalo. (FREYRE, 1933: 246).

As danças de São Gonçalo, conhecidas como “São Gonçalinho”, visam propiciar o casamento, do mesmo modo que as simpatias com a imagem de Santo Antônio, que são até hoje populares no interior do nordeste brasileiro. A festa de São Gonçalo descrita por La Barbinais, no XVIII, e citada por Gilberto Freyre, mostra características de orgias rituais que lembram os festivais pagãos. Uma festa de amor e fecundidade com

danças desenvolvidas ao redor da imagem do santo. Danças em que o viajante viu tomar parte o próprio vice-rei, homem já de idade, cercado de frades, fidalgos, negros. E de todas as marafonas da Bahia. Uma promiscuidade ainda hoje característica das nossas festas de igreja. Violas tocando. Gente cantando. Barracas. Muita comida. Exaltação sexual. Todo esse desadorno - por três dias e no meio da mata. De vez em quando, hinos sacros. Uma imagem do santo tirada do altar andou de mão em mão, jogada como uma peteca de um lado para o outro. Exatamente - notou La Barbinais - ‘o que outrora faziam os pagãos num sacrifício especial anualmente oferecido a Hércules, cerimônia na qual fustigavam e cobriam de injúrias à imagem do semideus’. (FREYRE, 1933:248)

Para Gilberto Freyre estes são sinais de uma festa já influenciada, na Bahia, por elementos orgiásticos africanos que teriam sido absorvidos no Brasil. Mas o “resíduo pagão” teria mesmo sido trazido pelos portugueses, com seu “cristianismo lírico”, suas festas de procissões alegres em que apareciam, como

já vimos, tanto Nossa Senhora fugindo para o Egito, como Mercúrio, os Ventos, os Continentes (deuses gregos e romanos), o Menino Deus, ninfas, anjos, sátiros, patriarcas, reis, imperadores, etc.

Para o referido autor o catolicismo de Portugal e herdado pelos brasileiros teria sido um dos grandes entraves ao próprio desenvolvimento e expansão ultramarina portuguesa:

um catolicismo ascético, ortodoxo, entrvando a liberdade aos sentidos e aos instintos de geração teria impedido Portugal de abarcar meio mundo com as pernas. As sobrevivências pagãs no cristianismo português desempenharam assim importante papel na política imperialista. As sobrevivências pagãs e as tendências para a poligamia desenvolvidos ao contato quente e voluptuoso com os mouros. (FREYRE, 1933:250)

Gilberto Freyre observa ainda à capacidade das festas de estabelecerem, através do desregramento possível, ou da inserção nela de múltiplas regras, à mediação entre as culturas e movê-las em direção ao objetivo comum de construção da sociedade brasileira. E neste sentido, tanto a festa de São Gonçalo, como a festa de São João e outras, parecem ter desempenhado papel preponderante.

De forma geral na literatura folclórica as festas joaninas são apresentadas como uma das mais importantes e queridas manifestações populares do Brasil. Dessa idéia resultam construções imagéticas, práticas e discursivas que destacam o evento como um momento no qual os laços sociais são reforçados

e criados outros, como um adequado ambiente e reforço à sociabilidade e um acontecimento que significa, sobretudo, confraternização e quebra das barreiras sociais; Neste sentido a Festa de São João

congraga os membros adultos da comunidade, caem as barreiras sociais, pobres e ricos, moradores das casas de tijolos e das choupanas de palha – mocambos –, de mãos dadas, alegres cantam esquecendo-se das tricas políticas, das desdidas, das mágoas, das rixas e intrigas familiares, do bate-boca de comadres, dos desníveis sociais. Ali todos pertencem à grande família alagoana – una, alegre e feliz. (ARAÚJO, 1977:19)

A festa de São João é interpretada como uma festa de origem rural, particularmente cultuada no Nordeste do País. A forma como alguns folcloristas definem espacialmente o evento, localizando-o no “Norte” para opor-se ao “Sul” tem uma razão de ser; acreditam que a autenticidade, a espontaneidade e a alegria da festa só estão presentes nessa parte do País porque nela ainda não chegou à modernidade já presente no mundo urbano, e, segundo a lógica desses folcloristas, o mundo urbano a que se referem, é o “Sul” do País, o “Norte” e, posteriormente, como será chamado, o “Nordeste”, é o retrato do mundo rural. Em toda a sua extensão, a modernidade, ainda não chegou.

Modernidade esta vista com muita antipatia e recusa por parte dos folcloristas, pois ela significa contaminação, contágio, perda da autenticidade de uma cultura até então em “estado puro”, intocada. Para Gastão de Bettencourt:

O sertão (...) é sempre o templo grandioso e fascinante onde se cultuam as tradições mais puras, onde persistem usos e costumes, festas religiosas e profanas, vivem as lendas e os contos mais estranhos. Pois é, justamente, aí, onde o Brasil é mais Brasil, que mais garridamente, com mais contentamento e maior fé se festeja o dia consagrado ao milagroso Batista. (BETTENCOURT, 1947:81).

Outro folclorista, Eustórgio Wanderley, no mesmo sentido que o discurso acima, formula a seguinte idéia:

Por mais que o modernismo se infiltre nos costumes do Brasil, não consegue matar a velha tradição das fogueiras, das cantigas entoadas em caminho do banho no rio à meia-noite, das “limalhas” riscando de ouro líquido a laca negra das noites sanjoanescas. Em torno da fogueira armada em meio do terreno varrido, hão de cantar e dançar os netos dos nossos netos, por esses sertões adentro do nosso desconhecido nordeste brasileiro, até onde não penetrou o cosmopolitismo avassalador. (WANDERLEY apud BETTENCOURT, 1947:82-83)

Segundo esta visão, o Nordeste é por excelência o “lugar” onde as festas de São João são mais animadas, mais “puras” e autênticas, chegando a ter a mesma importância que

outras festas, como as comemorações do Natal, como acrescenta Alceu Maynard Araújo:

A festa de São João está tão arraigada na vivência nordestina que se equipara ao Natal. Nela se comemora a passagem do ano cósmico – com a fartura dos alimentos que nascem da terra – o milho verde que cresceu nos cercados. (ARAÚJO, 1977:20)

Além de se criar um “lugar” preferencial para a realização das festas de São João, o Nordeste e, especialmente, o espaço rural – lócus que significa atraso, arcaísmo, primitivismo para se contrapor à idéia de modernidade – a literatura folclórica institui também, um determinado “ethos” para o povo nordestino: ele é ingênuo, crédulo, simples, amável e sincero; com tais atributos, justifica-se seu apego às festas juninas, sua familiaridade com o santo, bem como suas credices nas superstições, agouros e presságios presentes na noite de São João. Para Eustórgio Wanderley,

O povo simples e bondoso das terras setentrionais abre o seu coração ao enlevo dessas práticas ingênuas que o cosmopolitismo avassalador do sul não conseguiu extinguir na sua alma cheia de alegria e de sobrenatural também. (WANDERLEY apud BETTENCOURT, 1947:82)

Ou ainda, segundo Gustavo Barroso:

Nessas noites, a fisionomia do sertanejo se expande em descuidosa alegria, andam o mocororó, o vinho, a cachaça, entusiasmando-o, o aluá enche os grandes potes de barro, as danças prolongam-se até de manhã (...). (BARROSO, 1962:174).

Mesmo corroborando com a idéia de que as festas de São João propiciam o estreitamento dos laços sociais, a sua característica é a de ser uma festa privada, cuja simbologia e ritualística acontecem predominantemente no interior das casas. Folcloristas como Rossini Tavares de Lima, defendem que;

São João é festa caseira ou quando muito de uma pequena parcela da comunidade. O ponto de convergência de todos os acontecimentos é o lar e quem predomina é sempre o pater famílias, ainda nos dias de hoje, e por vezes, a mater famílias, principalmente nos agrupamentos de descendentes de africanos.(LIMA, 1961:18-19)

Outro folclorista, Luís da Câmara Cascudo, também defende o caráter privativo das festas de São João no Brasil, quando afirma que elas são “realizadas no interior das casas”. (CASCUDO, 1954: 480).

Convêm acrescentar que essas opiniões que destacam o aspecto privado das festas de São João no Brasil divergem das festas de São João realizadas em Portugal, autores como Ernesto Veiga de Oliveira, por exemplo, afirma que “por toda

Portugal, o S. João é uma festa pública e coletiva.” (OLIVEIRA, 1965:60). E para Alberto Pimentel, “todo Portugal festeja S. João, desde o norte ao sul, desde o levante ao poente.” (PIMENTAL, 1905:208).

E, mesmo sendo uma festa predominante no espaço rural, ela também existe no espaço urbano, mas perde em encantamento e significado, já que a mágica do evento, está na roça e no sentimento e sensibilidade de seu “povo ingênuo”; é neste sentido que para folcloristas como Alceu Maynard Araújo;

Nas áreas rurais brasileiras a festa ao Batista se apresenta com as mesmas características, porém na cidade grande há um anacronismo, há um falseamento, um arremedo do grotesco da alegria sadia que pervade o sertão, por isso os clubes se enchem de imitadores fantasiados de campônio cujo nome varia de uma para outra área: caipira ou matuto, tabaréu ou sertanejo, caboclo ou caiçara. (ARAÚJO, 1977:20)

Com a mesma opinião de que na cidade, os festeiros se fantasiam de caipiras para festejar o São João, o folclorista Edson Carneiro, propõe à seguinte indumentária para que os cidadãos se transformem em rurícolas e festeiros de São João:

A ocasião influencia o traje. Festinhas escolares e bailes ‘na roça’ impõem a vestimenta que a literatura regionalista atribui ao caipira – chapéus de palha, vestidos de chita, calças de brim ou de zuarte, lenços

coloridos ao pescoço. Os foliões urbanos, para acentuar a semelhança com a roupa-de-todo-dia do homem do interior, põem a camisa semi-solta do cinturão, arregaçam a boca das calças, usam sapatos de pares diferentes ou trazem um dos pés no chinelo...crianças e mulheres põem borrões de carmim no rosto. A escola e o salão de baile, nas cidades, têm enfeites de papel e de plantas e uma fogueira simbólica, de papel de seda, com lâmpadas vermelhas substituindo o fogo vivo das luminárias tradicionais. (CARNEIRO, 1982:20)

O espaço rural serve de modelo, de inspiração na composição e criação das festas de São João no espaço urbano, elas são uma cópia, uma réplica, até mesmo uma fantasia e caricatura do “evento original” do meio rural; como se a própria festa na roça não fosse igualmente, uma criação e uma invenção do discurso folclórico.

Ao definirem um “lugar”, um “ethos” e uma sensibilidade para festa, o discurso folclórico prossegue no relato dos vários sentidos e significados que a festa possui junto ao povo simples e crédulo, principalmente do Nordeste brasileiro. É o que veremos a seguir.

2.4. O SANTO DO AMOR E DO EROTISMO

Entre as principais atribuições do santo São João, o mais querido dentre todos os santos do ciclo junino, está a sua fama e título de santo casamenteiro, título que divide com outro santo do ciclo junino, o santo Antônio de Pádua. É a ele que as moças

casadoiras se dirigem na véspera de sua noite, 23 de junho, para pedirem um casamento.

É unanimidade entre os folcloristas investigados, o destaque à figura de São João Batista como de um santo que propicia às práticas sensuais, de fertilidade sexual e erótica. Não são raras às descrições de versos e cantigas entoadas pelos festeiros que celebram a noite de São João como um momento propício ao erotismo e as práticas sexuais; Para o folclorista Veríssimo de Melo,

no Nordeste, não há festa de São João sem milho verde, fogueira, “adivinhações”, “sortes” de casamento, inúmeras outras brincadeiras e práticas ingênuas que fazem o encanto das moças e rapazes nesses dias festivos. Em torno da fogueira ou nos terraços iluminados de lanternas coloridas, todos os anos as moças se reúnem para as suas “adivinhações”, com a mesma fé no futuro e os mesmos desejos ardentes de felicidade. O tema central dessas curiosas crendices de São João é sempre o casamento: casarei este ano? Como se chamará o meu noivo? Em que cidade iremos morar depois de casados? (MELO, 1949:01)

Toda uma coletânea de adivinhações e quase todas elas, descritas pelos folcloristas, por ocasião do São João, tem uma função erótica e sensual. Veríssimo de Melo, catalogou boa parte

das advinhas realizadas na noite de São João e a maioria, se refere à descoberta do futuro noivo; dentre elas destacam-se:

O copo e a aliança – Amarra-se uma aliança num fio de cabelo e pendura-se este no centro da boca de um copo, sem deixar que a aliança tique nas bordas. Momentos depois, se a pessoa merece a graça de uma revelação, a aliança, por si, começa a bater nas beiras do copo. Tantas vezes bata, tantos anos faltam para aquela pessoa casar.

Os três pratos – Separam-se três pratos sobre uma mesa. Num deles, põe-se, debaixo, um terço. Noutra, uma aliança. O terceiro ficará sem nada. Manda-se então uma moça, que não viu a distribuição dos objetos sob os pratos, revirar um deles, o que quiser. Se coincidir com o que tem a aliança debaixo, a moça casará. Se for o terço, irá ser freira. Sendo o prato sem nada, esta ficará certamente no caritó.

A clara de ovo – No dia de São João, a moça que quer saber se casa, pega uma clara de ovo e bota dentro de um copo. No dia seguinte, assim que se levanta, vai olhá-lo. Se a clara formar um desenho semelhante a uma igreja, é casamento próximo; a um cemitério, morte; um navio, viagem etc.

O Espelho – Passa-se um espelho em cruz, numa fogueira. Depois, coloca-se ele em cima da casa, sem olhá-lo. No dia de São João, bem cedo, a

peessoa levanta-se e vai vê-lo. Dizem que se vê o rosto do rapaz (ou da moça) com quem se casará.

A Bananeira – Arranja-se uma faca que ainda não foi usada. Chega-se junto de uma bananeira, reza-se a Salve-Rainha até “nos mostrai” e enfia-se a faca no tronco. De manhã, no dia seguinte, bem cedo, puxa-se à faca do tronco e as iniciais do escolhido aparecerão no leite que escorre da planta. MELO, 1949, p.01-11. ⁶

O ambiente na noite de São João é tomado, segundo o discurso folclórico, por uma atmosfera romântica, que apela para as uniões e aproximações carnal. Jansen Faria assevera que:

À noite de São João, pela sua graça e encanto inspira amores e uma atmosfera suave e misteriosa torna o ambiente propício ao romantismo. Os arrulos apaixonados se multiplicam. Dança-se em volta das chamas de mãos entrelaçadas ao som das violas dolentes que gemem, dulcificam, a todos envolvendo de ternuras. Viva São João! (...). (FARIA apud BETTENCOURT, 1947:109).

Com tal interpretação, resta pouco espaço para relação do santo com as práticas de conteúdo religioso, ou puramente sagrado, pelo contrário, alguns autores até sinalizam para a impossibilidade de tratamento dos fiéis com o santo de maneira

²¹. Sobre as adivinhas de São João, consultar ainda: Guilherme Studart apud CASCUDO, 1956, p. 20-25 e CASCUDO, 1983, p. 178-189.

respeitosa e repleta de rituais, como é o caso de Luis de Oliveira Guimarães (1931), quando descreve sobre o tratamento que o povo dá aos seus santos de junho, por isso ele pondera:

Santo Antônio, São João e São Pedro podem e devem ser encarados sob dois aspectos diferentes: o aspecto intelectual e o aspecto popular. De fato, a interpretação vulgar das suas figuras não corresponde ao que na verdade elas foram para a Igreja e para as academias representam uma coisa, para o povo representa outra e, caso curioso, perfeitamente oposta. Quem tem razão? Sobre o ponto de vista histórico, as academias e a Igreja; sobre o ponto de vista lírico e sentimental, o povo. (GUIMARÃES, 1931:24)

Assim, sob a perspectiva religiosa São João, Santo Antônio e São Pedro, são figuras extremamente diferentes das características atribuídas pelos festeiros e de nada adianta impor uma visão diferente daquela criada pelo povo, pois a única maneira de celebrar a crença nos “santos de junho” é imprimindo-lhe significados que sejam inteligíveis e, o primeiro requisito para tornar possível sua crença, é imprimir uma aproximação, um comportamento intimista com o santo:

A interpretação popular destas três grandes figuras, que foram Santo Antônio, São João e São Pedro, não corresponde nem por sombras, aquilo que elas representam na realidade; todos nós conhecemos muito bem as risonhas figurinhas de painel de

azulejos em que foram convertidos o musculoso São João Batista, o velho São Pedro, venerável na sua solene calva de patriarca bíblico e o próprio Santo Antônio, franciscano gordo e forte, discípulo mental de São Francisco de Assis, orador opulento da sua palavra e que deve ser apontado como uma das primeiras mentalidades na renascença. (GUIMARÃES, 1931:28)

E acrescenta “para o povo, não há meio termo: ou pega numa grande figura e a trata por tu – ou não sabe quem ela é!” (GUIMARÃES, 1931:31). O caráter intimista é, segundo o historiador Sérgio Buarque de Holanda um traço marcante da Cultura brasileira. A nossa cultura expressa um verdadeiro horror à distância social, a qualquer tipo de hierarquia e ritualismo social, segundo o autor, ao tomar como exemplo o caso do tratamento dado aos santos pelo catolicismo popular, assevera que:

Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas provêm ainda dos mesmos motivos. A popularidade entre nós de santa Teresa de Lisieux – Santa Teresinha – resulta muito do caráter intimista que pode adquirir seu culto, culto amável e quase fraterno, que se acomoda mal às cerimônias e suprime as distâncias. É o que ocorreu com o menino Jesus, companheiro de brinquedo das crianças e que faz pensar menos no Jesus dos evangelhos canônicos do que no de certos apócrifos, principalmente as diversas redações do Evangelho

da infância. Os que assistiram às festas do Senhor Bom Jesus em Pirapora, em São Paulo, conhecem a história do Cristo que desce do altar para sambar com o povo. (HOLANDA, 1988:109-110)

Seguindo o mesmo raciocínio proposto por Buarque de Holanda, mas saindo em defesa do povo e do catolicismo popular, Oliveira Guimarães defende às seguintes idéias:

Que importa a ele⁷ o Santo Antônio filósofo, o Santo Antônio orador, o Santo Antônio intelectual? Que lhe importa a ele o autêntico São João Batista, exemplo formidável de dignidade moral, não exitando em vender pelo preço da vida, a audácia de apontar a Herodes, tetrarca da Galiléia, o incesto em que vivia com Herodiades? Que importa a ele o verdadeiro São Pedro, primeiro pontífice da Igreja, com a sua velhice respeitável e a sua túnica patriarcal? As expressões hieráticas das grandes figuras históricas entrega-as o povo ao guarda-roupa dos eruditos, dos arqueólogos, dos investigadores. O que ele quer, o que ele guarda para si, para a sua ternura e para o seu sentimento de admiração, é o seu Santo Antônio, o seu São João e o seu São Pedro, feitos à sua imagem e semelhança e, por consequência, risonhos, familiares, comunicativos como ele próprio é. (GUIMARÃES, 1931:31)

²². Sempre que ler ele, leia-se povo.

Assim, em outras palavras, ao contrário da festa devotada aos citados santos, ser considerada uma festa profana, ela é instituída como uma festa que faz parte do calendário do catolicismo popular e expressa exatamente, à devoção e a crença do brasileiro em geral e, do nordestino, em particular.

O viés profano da festa e a construção imaginária de que os santos juninos são, necessariamente festeiros, é representado por exemplo, por toda uma iconografia das imagens desses santos em argila. É comum se observar nos espaços das festas juninas uma peça de barro na qual os santos não aparecem mais em seus altares, resguardados em oratórios, mas sim, descem de seus pedestais e vêm juntar-se à folia profana da festa construída para homenageá-los, de tal sorte que o anunciador da chegada do Messias, São João Batista, transforma-se em sanfoneiro; o erudito da Igreja Católica, Santo Antônio, transforma-se em triangueiro e o primeiro Papa e Pai da Igreja, São Pedro, transforma-se em zabumbeiro, temos aí um “autêntico” grupo de forró pé-de-serra, representado pelos principais santos do ciclo junino.

Ao se apropriar do lado sagrado da tradição cristã que define São João Batista como austero e pregador de penitências, a chamada cultura popular busca uma aproximação com esse santo, trazendo-o a terra, ao ambiente da festa, ao seu espaço profano; não é à toa que os significados e missão não só de São João, mas de Santo Antônio e São Pedro se modificam na versão folclórica das festas juninas.

Santo Antônio não é mais o estudioso nem o brilhante orador da Igreja Católica, e sim, “o santo protetor das moças casadoiras”; São João não é mais o batista que veio combater o pecado e anunciar os novos tempos que viriam com a chegada

do Messias, e sim, um “adivinho”, uma espécie de mágico, rodeado de simpatias e sortilégios os mais variados possíveis a fim de atender e socorrer os seus fiéis consulentes e São Pedro não é mais o importante apóstolo de Jesus, nem sobre cuja responsabilidade ficou a de erguer a primeira pedra para construção da Igreja Católica, e sim, o “porteiro de céu”.

Outros autores como Gilberto Freyre chamou a atenção sobre esta intimidade do português e, conseqüentemente, do brasileiro, com os santos católicos. Para este, a aproximação dos fiéis com os seus santos de devoção é tão grande, que muitos passam a ser considerados como membros da família, sem mencionar sobre o tratamento a eles depositado, que chega até a ser desrespeitoso. Para o referido autor, por exemplo, é

impossível conceber-se um Cristianismo português ou luso-brasileiro sem essa intimidade entre o devoto e o santo. Com Santo Antônio chega a haver semcerimônias obscenas. E com a imagem de São Gonçalo jogava-se peteca em festas de Igreja dos tempos coloniais.

Em Portugal como no Brasil, enfeitam-se de tetéias, de jóias, de braceletes, de brincos, de coroas de ouro e diamante as imagens das Virgens queridas ou dos Meninos Deus como se fossem pessoas da família. Dão-se-lhes atributos humanos de rei, de rainha, de pai, de mãe, de filho, de namorado. Liga-se cada um deles a uma fase da vida doméstica. (FREYRE, 1933:252)

Alguns folcloristas destacam toda uma relação de intimidade e proximidade dos fiéis com o santo, a partir de uma comunicação direta, mediada por canções, quadras e versos que fazem do próprio santo um apaixonado e eterno amante das mulheres:

Ó meu São João Batista,
 Quem te deu as calças largas?
 Foram as moças das estradas
 Que são desavergonhadas...

São João pra ver as moças
 Fez uma ponte de vidro;
 As moças não vão por ela
 S. João fica perdido... (LIMA,
 1941:59-60)

Gilberto Freyre ao demonstrar a intimidade com as quais os fiéis tratam seus santos, assevera que com São João Batista não é diferente:

É São João Batista festejado no seu dia como se fosse um rapaz bonito e namorador, solto entre moças casadoiras, que até lhe dirigem pilherias: "Donde vindes, São João, que vindes tão molhadinho?" (FREYRE, 1933:251)

Um outro folclorista português, Alberto Pimentel, enfatiza a figura de São João presente em boa parte das canções portuguesas como um sedutor irresistível, a conquistar as mulheres:

S. João por ser garoto
É que faltou ao contrato:
Foi à fonte com três moças,
À vinda veio com quatro.
(PIMENTEL, 1905:210)

Toda essa construção discursiva em torno da figura do santo São João é, portanto, interpretada pelos folcloristas, como uma criação popular, é o povo que com sua imaginação, inventa formas de contato com o sagrado, aproximando e até mesmo trazendo o santo, para o âmbito do mundo profano. E, uma das maneiras preferenciais para propiciar a mencionada aproximação, seria exatamente “humanizar” o santo, transformá-lo em um galante conquistador e amigo do amor.

Outro importante e fundamental significado da festa joanina é a atribuição dada a São João Batista como o santo do fogo e da água, nosso tema a seguir.

2.5. O SANTO DO FOGO E DA ÁGUA

A literatura folclórica apresenta ainda outras facetas da figura de São João e das festas juninas, merecem destaque à

presença dos elementos fogo e água na instituição e criação imagética, prática e discursiva da festa.

No discurso dos folcloristas a importância e simbologia do fogo na festa de São João é riquíssima, o elemento fogo é apresentado como um dos principais símbolos da festa, particularmente representado pelas fogueiras e pelos fogos de artifício.

Profundamente influenciados pelas análises de Sir. James Frazer no que se refere aos cultos primitivos do fogo, dentre eles o hábito de acender fogueiras, bem como pelas teses do solstício, as fogueiras tão fartamente acessas na véspera do dia em que se comemora o nascimento de São João, nada mais seriam que uma reminiscência dos antigos cultos pagãos de adoração ao fogo:

O costume de acender grandes fogueiras, saltar sobre elas e fazer passar o gado em meio a elas, ou em torno delas, parece ter sido praticamente universal em toda a Europa, e o mesmo podemos dizer das procissões ou corridas com tochas pelos campos, pomares, pastos ou currais. (...) Quer tome a forma de fogueiras que são acessas em pontos fixos, de tochas que são levadas de um lugar para outro, ou de tições e cinzas retirados da fogueira consumida, acredita-se que o fogo promova o crescimento das plantações e o bem-estar do homem e dos animais, seja positivamente, estimulando-os, seja negativamente, evitando os perigos e calamidades que os ameaçam, como o trovão e o raio, o incêndio, a peste, os parasitas, as pragas, a

esterilidade, a doença e a bruxaria, que não era o menos temido deles. (FRAZER, 1978:224)

Elemento por excelência purificador, o fogo desempenha funções diversas: presságio, proteção além de ser propiciatório. O fogo, portanto, é simbolizado como um elemento mágico.

O fogo ao mesmo tempo em que encanta pela sua beleza, apavora pelo seu poder; o fogo no centro é o sol, que ilumina e transmite a energia criadora, necessária e imprescindível à vida. Gaston Bachelard assim se manifesta:

(...) Se tudo que muda lentamente se explica pela vida, tudo o que muda velozmente se explica pelo fogo. O fogo é ultravivo. O fogo é íntimo e universal. Vive em nosso coração. Vive no céu. Sobe das profundezas da substância e se oferece como um amor. Torna a descer à matéria e se oculta, latente, contido como o ódio e a vingança. Dentre todos os fenômenos, é realmente o único capaz de receber tão nitidamente as duas valorizações contrárias: o bem e o mal. Ele brilha no paraíso, abrasa no inferno. É doçura e tortura. (...). (BACHELARD, 1994:11)

Na noite de São João a fogueira é o maior fogo, e à luz que dela emana, clareia a noite escura; os fogos de artifício, também cumprem sua função de iluminar os céus. A cor do fogo lembra a mesma cor da bandeira de São João, o único santo cuja bandeira é vermelha.

Classificado por muitos folcloristas como o santo do fogo, várias histórias são criadas a esse respeito como a descrita por Karl Von Den Steinen:

A São João não se dirigem promessas, pois ele dorme até o dia do Juízo, e até lá não faz milagres. Se ele soubesse o dia em que é celebrada a sua festa, o mundo todo seria destruído pelo fogo. Sendo o santo do fogo, ele é o único que tem bandeira vermelha, a dos outros é branca. (STEINEN apud CASCUDO, 1956:173)

Existe uma outra variação para essa história: a de que na véspera do dia em que se comemora o seu nascimento, 23 de junho, Santa Isabel, sua mãe, deixa-o dormir toda à noite e não o acorda, pois se assim o fizesse, e ele descesse a terra para ver a alegria dos festeiros, de tão feliz, colocaria, sem querer, fogo no mundo. Por isso, ele só desperta no outro dia, 24 de junho. Outra variação dessa história é apresentada por Mello Moraes Filho:

Quando Santa Isabel cantava, ninando o seu bendito filho, este lhe perguntou: - Minha mãe, quando é o meu dia?

- “Dorme meu filhinho dorme; logo que ele for, eu te direi.” E São João dormiu. Acordando porém na noite de S. Pedro, e ouvindo foguetes e vendo fogueiras acesas, insistiu: - “Minha mãe, quando é o meu dia?” - “O teu dia já passou; acudiu-lhe ela.”

– “Ora, minha mãe, por que não me disse, que eu queria ir brincar na terra?”

Santa Isabel não acordou a João, pois se o fizesse e se São João descesse do Céu, o mundo se arrasaria em fogo! (FILHO, 1979:78)

Essa lenda inspirou a criação de versos e cantigas populares que coligidos pelos folcloristas, podem assim ser descritos:

Se São João soubesse
 Quando era o seu dia,
 Descia do céu a terra
 Com prazer e alegria.
 Minha mãe quando é meu dia?
 - Meu filho já se passou!
 - Numa festa tão bonita
 Minha mãe não me acordou?
 Acorda, João!
 Acorda, João!
 João está dormindo,
 Não acorda, não!
 (CASCUDO, 1954:477-478)

Uma outra explicação para o costume de acender fogueiras na noite de São João recebe menor adesão entre os folcloristas; com um caráter estritamente religioso, montar e

acender fogueiras seriam uma das maneiras de relembrar um antigo gesto de Santa Isabel, mãe de São João Batista, que mandou acender uma grande fogueira numa montanha a fim desta servir de aviso a Santa Maria, mãe de Jesus, que seu filho havia nascido.

Essa forma de comunicação – mediada pela fogueira – entre Santa Isabel e Santa Maria, para avisar sobre o nascimento de São João, é repetido, portanto, pelos fiéis que a cada 23 de junho acendem suas fogueiras para homenagear o nascimento do Batista. Mello Moraes Filho é um dos folcloristas que descreve a lenda das fogueiras de São João sob a perspectiva religiosa:

Um dia, Nossa Senhora que trazia a Nosso Senhor Jesus Cristo foi visitar a sua prima Santa Isabel, que também trazia em seu bendito seio a São João Batista. Apenas as duas sagradas primas se avistaram, o divino Batista, que não tardava a nascer, se ajoelhou em direção a Jesus. Santa Isabel, que isto sentira, não tardou em comunicar o milagre à virgem, que exultando perguntou-lhe: “- Que sinal me dareis, quando nascer vosso filho?” - mandarei plantar nesta montanha um mastro com uma boneca e acender em torno uma grande fogueira, respondeu-lhe. E de fato, na véspera de São João, a mãe de Deus, vindo de sua morada uma fumacinha, labaredas e o mastro, partiu, indo visitar Santa Isabel. (MORAES FILHO, 1979:77).²³

²³. Convém acrescentar que na Bíblia Sagrada, em nenhum de seus Livros ou Evangelhos, existe qualquer registro sobre um acordo entre Santa Isabel e Santa Maria.

Quanto às atividades desenvolvidas ao redor das fogueiras, duas se destacam: o costume de passar em suas brasas e à realização do ritual de compadrio de fogueira.

A primeira atividade, passar fogueira, descrita com profusão pelos folcloristas, e hábito comum no Nordeste do Brasil, consiste em um gesto de coragem e ousadia; pois o festeiro deve pisar com os pés descalços e atravessar um determinado percurso de brasas, que foram retirados da fogueira.

Para alguns folcloristas, como Luís da Câmara Cascudo, que afirma ter presenciado esse ritual em alguns municípios dos Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, “nada há de religioso, ou testemunho de fé, no ato de passar fogueira e sim divertimento, arrogância desportiva.” (CASCUDO, 1954:678)

Em outro trabalho, Luís Câmara Cascudo identifica a origem desta prática com os cultos devotados a Ferônia, uma das deusas da colheita e da distribuição das safras na região central da Itália. Ao retomar Sir. James Frazer e citá-lo, o mesmo autor localiza esta prática, situada no santuário da deusa, na qual certos homens andavam descalços sobre as brasas ardentes:

Atravessar o fogo, *passing throught the fire*, ou marchar sobre as brasas, *fire walk*, a cerimônia propiciatória para conservação e retenção da energia vitalizadora, do elemento vivificante e procriador, do princípio ardente, sol, vida, semente. (CASCUDO, 1983:83)

A segunda prática, o compadrio de fogueira, é descrita pelos folcloristas como um ritual herdado dos costumes portugueses e exerce um papel social destacado: cria laços

afetivos e de amizade bastante sólidos entre aqueles que desejam se tornar comadres e compadres de fogueira:

Durante a noite de São João, 23 para 24 de junho, rapazes e moças se fazem compadres e comadres, mediante a recitação da fórmula tradicional: “São João disse, São Pedro confirmou, que nós fôssemos compadres, que Jesus Cristo mandou!...” Os dois ficam separados pela fogueira e mudam de lugar cada vez que a fórmula é dita. Na terceira vez, trocam aperto de mão e abraço gritando: “viva nós compadre!” Embora sem a tradição severa do compadrio religioso, pela testemunha ao batismo de um filho, o compadre de São João, em certos pontos sertanejos, determina amizade segura e séria. (CASCUDO, 1954:295) ²⁴

Para outros folcloristas como Alceu Maynard Araújo, a relação de compadrio cumpre no Nordeste uma função social, é uma verdadeira instituição a promover o estreitamento dos laços de solidariedade, chegando a equiparar-se a mesma importância que a família, desempenha na sociedade;

No Nordeste brasileiro, muito mais do que noutras partes, uma das formas pela qual os moradores das comunidades rurais, dos “bairros”, das aglomerações urbanóides, demonstram a cordialidade é a escolha

²⁴. Sir. James Frazer registrou essa mesma cerimônia na Sardenha, durante a festa de São João, onde os rapazes e moças se fazem comadres e compadres. *Compare e comare di San Giovanni*. FRAZER, 1978, p. 133.

do compadre. Verdadeira instituição, paralela à da família, chegando às vezes a entrelaçar um número bem maior de membros através do “parentesco pelo coração” do que pelo sangue. Há provas evidentes nas comunidades rurais nordestinas de que os liames afetivos que prendem um compadre ao outro, são por vezes, em certos aspectos, tão fortes como aqueles que unem irmãos (...).(ARAÚJO, 1977:20-21)

A festa do fogo se completa com a utilização em profusão de fogos de artifício ²⁵ por toda à noite do dia 23 de junho. O barulho emitido pela queima dos fogos serve de instrumento simbólico de que esta noite é “noite de festa junina”, pois não acontece em nenhum outro evento festivo, um consumo tão expressivo de fogos, tanto a nível particular, quanto coletivo.

O outro elemento descrito pelo discurso folclórico e que ajuda na construção do mito e da ritualística das festas juninas, particularmente de São João Batista é a água. Há uma descrição unânime entre os folcloristas investigados de que a água durante a noite do santo, particularmente à meia-noite, possui poderes especiais.

A simbologia da água é referente à sua capacidade de guardar, de conservar forças. “É pelo líquido afinal, que a vida se transmite e se perpetua, ela é a comunicação, o transporte, o contato mágico por excelência.” (CASCUDO, 1971:126)

²⁵. Informa Luís da Câmara Cascudo, que foram os portugueses que trouxeram os fogos de artifício da China na segunda metade do século XVI, e que no Brasil chegaram no final do século XVII. CASCUDO, 1967, p. 29.

Os poderes da água na noite de São João são principalmente dois: o de purificar e o de servir de oráculo aos fiéis festeiros. Sobre o significado da água como fonte e instrumento de purificação, formula Gaston Bachelard:

É por ter a água um poder íntimo que ela pode purificar o ser íntimo, que pode devolver à alma pecadora a brancura da neve. Lava-se moralmente aquele que é aspergido fisicamente (...) para a imaginação material, a substância valorizada pode agir, mesmo em quantidade ínfima (...). É a própria lei do devaneio de poder: ter sob um pequeno volume, na cavidade da mão, o meio para uma dominação universal. (BACHELARD, 1989:149)

Um hábito comum, registrado no discurso folclórico, é a caminhada de festeiros, após a meia-noite, em direção aos rios, açudes, nascentes d'água, poços, ou qualquer outro local que armazene o líquido, para se banharem com o fim de se purificarem. Folcloristas como Pereira da Costa, descreve uma trova cantada pelos festeiros quando se dirigiam aos banhos de purificação nas cidades de Recife e Olinda, em Pernambuco:

Meu São João,
Eu vou me lavar,
E as minhas mazelas
Irei lá deixar.

Oh meu São João,

Eu já me lavei:

E as minhas mazelas

No rio deixei.

N'água de São João me lavei,

Toda a mazela que tinha, deixei.

(COSTA apud CASCUDO,
1956:347)

Nesses banhos coletivos nem só os festeiros caem na água, existe a descrição de rituais no qual é a imagem do santo São João que é banhada, como informa Rossini Tavares de Lima:

Segundo a crendice popular, a lavagem da imagem abençoa a água, para que seja abundante no ano próximo, e nela é costume banharem-se os pés, rostos e outras partes do corpo, na esperança de uma proteção contra doenças. Também, guardam-na em vidros, a fim de ser utilizada posteriormente na cura da dor de dente e de cabeça. (LIMA, 1961:19)

Para o mesmo folclorista o hábito dos festeiros de se banharem ou banhar a imagem do santo nas águas, possui um sentido religioso, para imitar o batismo ministrado por São João nas águas do rio Jordão.

Para Sir. James Frazer, o hábito dos banhos de purificação na noite do dia 23 de junho é anterior ao advento do Cristianismo; tal costume já existia em vários cultos pagãos, entre eles no mito de Adônis. Nesse sentido, as festas de São João e

os rituais dos banhos, nada mais seriam que uma continuação desses antigos cultos, adaptados pela religião Católica:

(...) Vimos que os ritos de Tamuz ou Adônis eram celebrados comumente no verão e, segundo São Jerônimo, sua data era em junho. Além da data e de sua semelhança em relação aos vasos de ervas e cereais, há uma outra afinidade entre as duas festas, a pagã e a cristã. Em ambas, a água tem um papel destacado. Em sua festa de verão na Babilônia, a imagem de Tamuz, cujo nome significa “verdadeiro filho da água profunda”, era banhada em água pura; em sua festa de verão na Alexandria, a imagem de Adônis, com a de sua divina amante Afrodite, era lançada às ondas; e nas comemorações de verão na Grécia, os jardins de Adônis eram jogados no mar ou numa nascente. Ora, um aspecto importante da festa do solstício de verão ligado ao nome de São João é, ou costumava ser, a tradição de banhar-se no mar, nas nascentes, nos rios ou no sereno, na noite da véspera ou no próprio dia da festa do solstício. (FRAZER, 1978:133)

Além do poder de purificação e de cura de certas doenças, a água na véspera e dia de São João, possui o poder semelhante a de um oráculo para desvendar se o festeiro viverá mais uma festa de São João; trata-se de uma adivinhação descrita por folcloristas como Luís da Câmara Cascudo, conhecida como a sombra n' água;

N'água numa vasilha qualquer ou num rio, açude ou lago, curvam-se os consulentes procurando divisar as feições retratadas no espelho reluzente. Não podendo identificar-se, não verá outro São João!...está condenado a morte. (CASCUDO, 1983:184)

Os folcloristas destacam ainda, o poder que certas ervas e plantas possuem na madrugada das festas de São João, tornando-se bentas. Descrevem também, os poderes que circundam, que se soltam e vagueiam na hora mais esperada ao mesmo tempo em que mais temida, a meia-noite. Momento de encantamentos e sortilégios, ao mesmo tempo em que de imensos perigos e cuidados, pois bruxas e o diabo estão à solta. Hora repleta de simbolismos e significados, rupturas e liminaridade, como será visto a seguir.

2.6. O MAGO E OS SEUS ENCANTAMENTOS

A hora mais esperada pelos festeiros, segundo o discurso folclórico, é a meia-noite da véspera em que se comemora o dia de São João. Essa hora serve como um momento de liminaridade, uma interseção entre o antes e o depois. Ao soar as doze badaladas, o significado do tempo sinaliza para o início de certas práticas, como os banhos de imersão e emersão, as adivinhações e sortilégios e a colheita de certas ervas e plantas, que se tornam encantadas, com poderes de cura e de anunciação a perguntas que são feitas pelos festeiros;

Como as fogueiras e, sobretudo, as águas, também as ervas são bentas na madrugada de São João – às vezes sobretudo por virtude do orvalho da noite –, e, colhidas nessa ocasião, possuem virtudes específicas referidas à saúde, à felicidade, designadamente nos amores e no casamento, operando por ação direta ou como fatores divinatórios. E esta crença, documentada em grande parte no cancionero popular, está na base de inúmeras práticas e lendas relacionadas com determinadas espécies, sobretudo aromáticas. (OLIVEIRA, 1965:76)

A relação das festas de São João com antigas práticas pagãs é, como já observado ao longo dessas páginas, bastante freqüente, daí ser corriqueira à ligação da festa com os ciclos da vida vegetal, seu crescimento e fecundidade. E neste sentido, Luís da Câmara Cascudo formula que todas as ervas são bentas na manhã de São João!. E acrescenta:

Em Portugal as superstições Joaninas são incontáveis, referentes às plantas, às raízes, às sementes. O azevinho borrifado de vinho é amuleto. O fincho, rosmaninho, alecrim, sabugueiro livram do raio quando colhidos na manhã oblacional do precursor. De sete em sete anos a boliana (valeriana) floresce pelo São João, e essa flor é quase um talismã. O feto real (“*Osmunda regalis*”, Lineu) é dessa espécie mágica. A colheita das uvas propicia messe milagrosa. As alcachofras são passadas no calor das fogueiras e atiradas para o telhado. Se reverdecem ou não na manhã subsequente prognosticam o estado afetivo de quem mereceu a

consulta, felicidade ou desgraça. Identicamente pratica-se com a erva-pinheira. Dois juncos iguais são cortados, representando os namorados. Postos ao sereno, crescerão durante a noite e o mais alentado dirá quem mais ama. No Brasil plantam, três dias ou mais, antes do São João, cabeças de alho num vaso, com terra bem estrumada e úmida. Na manhã do dia de São João quantas cabeças hajam brotado quantos anos de espera para casar. Semeiam cevada, coentro, arroz em latinhas especiais, abundantemente regadas e cuidadas. Verifica-se se aparece à plantinha à superfície ou se os grãos do milho rebentaram. Auguram sim ou não, no caso de fecundidade ou esterilidade. O milho colhido na manhã de São João se o número de espigas é par quer dizer que “sim” e impar quer dizer “não”. (CASCUDO, 1983: 122-123)

Para explicar a relação entre o poder das ervas e as festas de São João, muitos dos folcloristas investigados, associam-no aos antigos cultos agrários, praticados particularmente nos jardins de Adônis, deus da vegetação, especialmente dos cereais;

O mês em que Adônis era festejado é o mês de Tammuz, correspondendo mais ou menos ao nosso junho. De qualquer maneira coincide com o solstício de verão na Europa, justificando o processo das sementes nos chamados jardins de Adônis tão popularizados em Espanha, Portugal, França, Itália

e no culto judaico, embora nesta parte contrariado pela austeridade rabínica. Essas nossas adivinhações são reminiscências vivas, indiscutíveis e verdadeiras dos cultos agrários, em convergência para uma tradição cristã. (CASCUDO, 1983:189).

A mesma tese da relação entre o deus da vegetação com São João Batista é apontada por Sir. James Frazer :

Esses jardins de Adônis, são muito naturalmente, interpretados como representações do deus, ou manifestações de seu poder, que, de acordo com a sua natureza original, tomavam forma vegetal, ao passo que suas imagens, com as quais eram levadas e jogadas à água, o retratavam sob sua forma humana, posterior. Todas essas cerimônias de Adônis se estamos certos, eram originalmente realizadas como sortilégios para promover o crescimento ou renascimento da vegetação, e o princípio pelo qual se supunha que produziriam tal efeito era o da magia homeopática ou imitativa. (FRAZER, 1978:132)

Uma outra evidência que comprova a tese de que São João é o escolhido para ser o substituto do deus da vegetação, Adônis, é ainda apresentada por Luís da Câmara Cascudo quando descreve o hábito comum dos festeiros montarem mastros com a bandeira do santo e nelas colocar oferendas de alimentos, como uma das maneiras de invocar o santo para que suas terras sejam férteis e obtenham colheitas abundantes:

A bandeira do santo, no alto do Mastro, informa que ele está presente na sua festa e aguarda o concurso de seus fiéis. Sempre que o mastro estiver com oferendas, frutos, flores, fitas, então revive um vestígio do culto da vegetação. (...) (CASCUDO, 1954:564)

Além dos poderes das plantas e ervas presentes na noite de São João, à meia-noite revela outros poderes e agouros, esta hora é o momento por excelência, do extraordinário, é o momento mágico para os jogos divinatórios, mas é também a hora em que as bruxas e o diabo estão à solta. Segundo o folclore português:

Nesta noite, os ares estão povoados por seres, benéficos ou maléficos – bruxas, forças fecundas, prognósticos vários – , que ora se manifestam espontaneamente para nosso bem ou contra nós, ora se captam a nosso favor, ora se esconjuram por meio de práticas adequadas, sobretudo utilizando o fogo, a água, as ervas. No Barroso, na véspera de S. João, põem-se ramos de sabugueiro nos buracos das fechaduras e nas janelas, para não entrarem as bruxas que andam a solta nessa noite. (OLIVEIRA, 1965:65)

Folcloristas brasileiros igualmente registram os poderes sobrenaturais e extraordinários na noite de São João nos sítios e cidades do País, cujo intento é demonstrar que tais crenças, herdadas do europeu, e transplantadas para o Brasil pelos portugueses, descrevem situações de agouros que se evidenciam nessa noite, a exemplo de Leonardo Mota;

Na encruzilhada, ao dar meia-noite, o diabo aparecerá, precedido de ventanias e pavores! Feliz de quem apertar-lhe a mão, estabelecendo com ele um pacto venturoso na conquista de mulheres, para ser cantador, tocador de viola, jogador etc. A arruda florescerá naquela noite de agouros: estendei um pano bem alvejante diante dela que o Anjo das Trevas não tarda vir colher as sementes; se conseguirdes segurar na mão cabeluda de satã, a fortuna vos sorrirá. (MOTA, 1976:192)

A partir do exposto, a festa dedicada a São João nada mais seria que uma reminiscência de antigos cultos agrários e ao deus da vegetação e dos cereais, talvez também por esse motivo, uma das características mais marcantes dessa festa, seja a fartura de comida presente nas mesas daqueles que comemoram o nascimento do santo. O destaque para importância da gastronomia junina, como último elemento de construção de sentidos das festas de São João, será abordado a seguir.

2.7. O SANTO DA FARTURA: A FESTA DA GASTRONOMIA JOANINA

As festas de São João são comumente analisadas pela literatura folclórica como a festa da fartura; à mesa posta com toda uma variedade de doces, bolos e bebidas são um dos mais destacados pretextos para sua realização. Não é à toa, portanto, que para muitos estudiosos, a exemplo de Roger Bastide, a razão da festa seja a comemoração das colheitas e, uma das maneiras de agradecê-las, é exatamente a promoção de um evento no qual a fartura e a oferta de alimentos sejam seus principais símbolos;

(...) São João precede a colheita, esta colheita da qual dependerá a felicidade ou a desgraça, a prosperidade ou a miséria do camponês. Uma angústia se manifesta na alegria das cerimônias. Trata-se de captar em prol das colheitas toda força sobrenatural. É por isso que Alceu Maynard Araújo tem razão ao dizer que São João, mais que o dia primeiro de janeiro, é aqui o começo do ano para as populações rurais. (...) não se trata de um dia de festa mas de um ciclo, que começa no dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, para terminar no dia 29, dia de São Pedro; e que durante todo esse período, ouve-se estourar, por toda parte, bombas, foguetes brilhantes, igual em Portugal. É que na verdade, o solstício de inverno brasileiro é a mudança de um ano cósmico, a cada evolução do cosmos se produz uma espécie de fissura na ordem real, em consequência da qual as influências maléficas podem passar, e os maus espíritos são caçados apenas pelo barulho. (BASTIDE, 1979:69)

Um dos folcloristas que criticam a tese de que as festas juninas são precedidas pela colheita e situadas no período de mudança das estações, bem como ligadas ao período do solstício, é Rossini Tavares de Lima, para este:

Não é verdade como assinala Roger Bastide que (as festas juninas) resistiu no Brasil ao desencontro das estações, porque se apóia sobre o ritmo de vida campesina, acrescentando para defender sua tese, que ele preludia a colheita. No Estado de São Paulo pelo menos, de modo genérico, a colheita se faz em abril e maio; junho é o mês de geadas, assim como julho. (...) (LIMA, 1961:18)

No entanto, Gilberto Freyre aproxima-se de Roger Bastide quando afirma que

O São João é no Brasil, além de festa afrodisíaca, a festa agrícola por excelência. A festa do milho, cujos produtos culinários – a canjica, a pamonha, o bolo – enchem as mesas patriarcais para os vastos comensais da meia-noite. (FREYRE, 1933:274)

A culinária junina é vasta e repleta de significados; Gilberto Freyre ainda chega a destacar o aspecto fálico de certas comidas e suas denominações, acentuando-se, portanto, o caráter afrodisíaco da festa. Comida e erotismo, paladar e libido, se misturam no jogo dos significados; de modo que a mesa posta serve de aproximação entre as pessoas e a terminologia dos quitutes e doces expostos à degustação significam, simbolicamente, o consumo de comidas ao mesmo tempo em que de desejos sensuais:

A culinária portuguesa, tanto quanto o hagiológico, recorda nos velhos nomes de quitutes e gulodices, nas formas e ornamentos meio fálicos de bolos e doces, na condimentação picante, como que afrodisíaca, dos guisados, cozidos e molhos, a vibração erótica, a tensão procriadora que Portugal precisou de manter na sua época intensa de imperialismo colonizador. Na culinária colonial brasileira surpreendem-se iguais estímulos ao amor e à fecundidade. Mesmo nos nomes de doces e

bolos de convento, fabricado por mãos seráficas, de freiras, sente-se às vezes a intenção afrodisíaca, o toque feminino a confundir-se com o místico: suspiros-de-freira, toucinho-do-céu, barriga-de-freira, manjar-do-céu, papos-de-anjo. Eram os bolos e doces por que suspiravam os freiráticos à portaria dos conventos. Não podendo entregar-se em carne a todos os seus adoradores, muitas freiras davam-se a eles nos bolos e caramelos. Estes adquiriram uma espécie de simbolismo sexual. (FREYRE, 1933:275)

Poderes extraordinários, erotismo, fartura e fertilidade, marcam portanto, os sentidos atribuídos a São João, por ocasião das festas juninas. É fato recorrente entre os folcloristas analisados, o destaque dado especialmente a este santo, em detrimento dos outros dois que compõem o chamado ciclo junino, Santo Antônio e São Pedro. São João é apresentado como o mais amado e festejado dentre os citados santos, daí que sua importância chega a significar a própria festa, alguns folcloristas nem utilizam o termo ciclo junino, para fazer menção ao mês de junho, mas ciclo joanino, numa clara referência a São João.

É possível que tal fato deva-se à profunda relação de comparação realizada entre o citado santo e antigas divindades pagãs, de maneira que na ambição de descrever, criar características e tipologias para a festa, o caminho mais prático seria muito mais o de individualizar um santo, construindo referências diretas com outros cultos, do que o de se tomar o ciclo como um todo.

É neste sentido, que em nenhum momento, os discursos dos folcloristas investigados, propõem relações entre antigas

divindades pagãs a Santo Antônio ou São Pedro, por exemplo. Tal assertiva comprova como a tese do solstício é adotada pelos folcloristas que descreveram as festas juninas no Brasil, pois se a festa devotada a Santo Antônio é realizada a 13 de junho e a de São Pedro, a 29 de junho, não teria como se sustentar o solstício, que cai exatamente, segundo a versão descrita ao longo dessas páginas, no dia 23 de junho.

Uma vez convencionada a interpretação de que a festa acontece no período do solstício de verão europeu, seria pouco provável que outros sentidos fossem incorporados para se pensar a festa de São João no Brasil, além de seu caráter mágico, sobrenatural, afrodisíaco e gastronômico; pois, ao ser adotada a análise de que o festejo, tal como acontece no País, é uma herança trazida pelos portugueses, é obvio que a festa só poderia “ter a cara” de seu lugar de origem.

A festa de São João assim, como pode ser observado pela literatura e discurso folclórico apresentados, assume um lugar de destacada importância. Trata-se de uma festa central dentro do calendário de festas no Brasil e presta-se entre outras coisas, para unir o sagrado com o profano, a família com a comunidade, o rural com o urbano, a tradição com a modernidade, o passado com o presente, a ordem com a desordem, o interdito com o permitido, etc.

A festa de São João presta-se a vários e diversificados significados pela própria força cultural que possui esse folguedo, esse evento multifacetado e apaixonante que é à noite de São João.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa rápida e breve incursão pelos discursos de construção da figura mítica de São João Batista na literatura bíblica e folclórica se sobressaiu à riqueza da produção cultural sincrética e híbrida de um povo que não cessa de inventar e criar sentidos para as suas práticas.

O hibridismo e o sincretismo culturais parecem ser a chave que desvenda a solução para o paradoxo ora da conciliação, ora da justaposição de dois discursos até então inconciliáveis: o bíblico e o folclórico.

É graças ao hibridismo e ao sincretismo culturais que é possível à conciliação de um arraial com uma Igrejinha de São João cenográfica, montada nos espaços urbanos das cidades nordestinas; que é possível “festar” e “dar vivas” ao “santo casamenteiro” ao mesmo tempo em que ao “precursor do Messias” e assim por diante. O profano e o sagrado caminham juntos não só porque a distância entre ambos é tênue, mas sobretudo, porque ambos são produtos de invenções imagéticas, práticas e discursivas criadas e recriadas para substancializar, justificar e instituir, determinadas práticas culturais.

O que parece estar em jogo é a salutar polifonia dos discursos, das pretensas origens e significados da festa; são os simbolismos que ora apontam para a fé e crença no santo mártir, ora para o festeiro que adora brincar na e com a sua festa.

É sobre os alicerces e feixes desse aparente paradoxo que se instituem as festas de São João no Brasil e, particularmente, no Nordeste.

É sob a armadura de um discurso poderoso como o bíblico e bonachão, como o folclórico, que reside à substância,

o poder para instituição e prática dos mega eventos construídos todos os anos em diversas cidades do Nordeste.

Nessas cidades, tais discursos se exacerbam, atingem a sua plenitude fantasmagórica. A alegoria e o espetáculo clamam pelo povo, que em transe, passam a identificar a festa como sua, não é mas o santo que está em jogo, mas a propriedade de uso de sua imagem como instrumento de poder, de saber, de alteridade e de multiplicidade.

Máximas como: “o santo é nosso!”, “a festa é nossa!”, se sobrepõem aos discursos anteriormente criados, pois a busca por novas sensibilidades e subjetividades se torna o cerne da questão; cabe agora desvendá-las, desnudá-las para mostrar a genialidade, a criatividade de um povo e de uma cidade sob a armadura e proteção do seu santo, seja através de seu santo nome, seja através de sua festa.

Doravante não há como distinguir o santo austero e pregador de penitências do “santo do caneyrinho”, pois todos os dois caíram no gosto do povo e de sua cultura; se misturaram num caldeirão de afetividades, gostos e devires demonstrando-nos enfim, que o que menos importa, é amputá-lo, dividi-lo, pois a festa e o festar é mais importante do que qualquer querela, cremos que já devidamente comprovada, totalmente inútil.

Mas vale o recado: a partir de agora que não se confunda mais o santo São João. Parte de sua história, sua saga e seu lugar na cultura e no coração dos homens esperamos ter desvendado, jogamos agora a peteca para outrem que queira decifrar novos sentidos/significados para tão exemplar personagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. A Invenção do Nordeste e outras artes. Recife, FJN, Ed. Massangana; São Paulo, Cortez, 1999.

ALVES, Isidoro Maria da Silva. O Carnaval Devoto – Um estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis, Vozes, 1980.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. Festa à Brasileira Significados do festejar, no País que “não é sério”. São Paulo: Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia – FFLCH – USP, 1998.

ARAÚJO, Alceu Maynard. Cultura Popular Brasileira. 3ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1977.

AYALA, Maria Igenes Novais. No Arranco do Grito – Aspectos da Cantoria Nordestina. Série Ensaios, São Paulo, Ática, 1988.

BACHELARD, Gaston. A Psicanálise do Fogo. Trad. de Paulo Neves. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

_____. A Água e os Sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. de Antonio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

BARROSO, Gustavo. Terra do Sol. 6ª ed. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

BETTENCOURT, Gaston de. Os Três Santos de Junho no Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro: Biblioteca de Etnografia e Folclore, Livraria Agir Editora, 1947.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O Que é Folclore. 9ª ed. – São Paulo, Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, n. 60, 1988.

BURTON, Richard Francis. As Fogueiras de São João em Alagoa Dourada. In: CASCUDO, Luis da Câmara. Antologia do Folclore Brasileiro – Séculos XVI-XVII-XVIII – Os Cronistas Coloniais. Os Viajantes Estrangeiros. Vol. I. 3ª ed. São Paulo, Edição Martins, 1956.

BUTLER. Vida dos Santos. Vol. VI, Junho. Trad. de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis, Vozes, 1989.

_____. Vida dos Santos. Vol. VIII, Agosto. Trad. de Atílio Brunetta. Petrópolis, Vozes, 1992.

CAILLOIS, Roger. O Homem e o Sagrado. Trad. de Geminiano Cascais Franco. Lisboa, Edições 70, S.d.

CANCLINI, Néstor García. As Culturas Populares no Capitalismo. São Paulo, Brasiliense, 1983.

CARDIM, Fernão. Tratados da Terra e Gente do Brasil. 2ª ed. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

CARNEIRO, Edson. Folguedos Tradicionais – Etnografia e Folclore. Coleção Clássicos 1, Rio de Janeiro, Edições Funarte/INF, 1982.

CARVALHO, Maria Michol Pinho de. Matracas que desafiam o tempo: É o Bumba-Boi do Maranhão – Um estudo da tradição/modernidade na cultura popular. São Luís, [s.n], 1995.

CASCUDO, Luis da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro, Ediouro S.A, 1954.

_____. Folclore no Brasil. Portugal, Fundo de Cultura, 1967.

_____. Tradição, Ciência do Povo. São Paulo, Perspectiva, 1971.

_____. Anúbis e Outros Ensaio – Mitologia e Folclore. 2ª ed. Rio de Janeiro, Funarte/INF – Achiamé, 1983.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1994.

_____. A Cultura no Plural. Trad. de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995. Coleção Travessia do Século.

COSTA, Pereira da. Noite de São João. In: CASCUDO, Luis da Câmara. Antologia do Folclore Brasileiro - Séculos XVI-XVII-XVIII – Os Cronistas Coloniais. Os Viajantes Estrangeiros. 3ª ed., Vol. I, – São Paulo: Edição Martins, 1956.

CREPSCHI, Maria Célia. "Num Tempo e Num Espaço, Fora do Tempo e Fora do Espaço": Um Estudo do Ciclo Junino em Piracicaba. Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia – FFLCH, USP, São Paulo, 1992.

DAMATTA, Roberto Augusto. Carnavais, Malandros e Heróis – Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro. 4ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

DURKHEIM, Émile. As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália. Trad. de Joaquim Pereira Neto. São Paulo, Ed. Paulinas, 1989.

DUVIGNAUD, Jean. Festas e Civilizações. Trad. de L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza, Edições UFC; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano – A Essência das Religiões. Trad. de Rogério Fernandes. Lisboa, Edição "Livros do Brasil", S.d.

FRAZER, James George. O Ramo de Ouro. Trad. de Waltensir Dutra. São Paulo, Círculo do Livro, 1978.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala : Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 31ª ed. Rio de Janeiro, Editora Record, 1996.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Trad. de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

GIFFONI, Maria Amália Correia. Danças Folclóricas Brasileiras. 2ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1964.

- GINSBURG, Christian D. Os Essênios – Sua História e Doutrinas. Trad. de Auriphebo Berrance Simões. – São Paulo: Editora Pensamento, 1999.
- GUIMARÃES, Luís de Oliveira. Os Santos Populares: Santo António, São João e São Pedro. Portugal, Gaia/Edições Pátria, 1931.
- HEERS, Jacques. Festas de Loucos e Carnavais. – Lisboa: Dom Quixote, 1987.
- HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. A Invenção das Tradições. Trad. de Celina Cardim Cavalcante. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 20ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora S.A., 1988.
- LIMA, Elizabeth Christina de Andrade Lima. “A Fábrica dos Sonhos”: a invenção da festa junina no espaço urbano. João Pessoa, Idéia, 2002.
- LIMA, Rossini Tavares de. Alguns Complexos Culturais das Festas Joaninas. In: Revista Brasileira do Folclore. Ano I, n. 1, Companhia de Defesa do Folclore, Rio de Janeiro: GB, setembro/dezembro, 1961.
- LIMA, Fernando de Castro Pires de. O Simbolismo Cristão na Cantiga Popular. Porto, Portucalense Editora, 1941.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no Pedaco – cultura popular e lazer na cidade. 2ª ed. São Paulo, Hucitec/UNESP, 1998.

MEGALE, João Batista. O Profeta que veio do deserto – vida de São João Batista narrada para o homem de hoje. 2ª ed. São Paulo, Edições Paulinas, 1978.

MELO, Veríssimo de. Superstições de São João. Natal, Pequenas Edições “Bando”, 1949.

MORAES FILHO, Mello. Festas e Tradições Populares no Brasil. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

MOTA, Leonardo. Violeiros do Norte. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1976.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de. O São João em Portugal. In: Revista de Etnografia e História. Vol. V, Tomo 1, Porto, Julho 1965.

ORTIZ, Renato. A Consciência Fragmentada – Ensaios de Cultura Popular e Religião. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

_____. Românticos e Folcloristas – Cultura Popular. – São Paulo: Olho d’água, S.d.

_____. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. – São Paulo: Brasiliense, 1987.

PELLEGRINI FILHO, Américo. Danças Folclóricas. 2ª ed. – São Paulo, Editora Esperança, 1986.

PIMENTEL, Alberto. As Alegres Canções do Norte. Lisboa, Livraria Viúva Tavares Cardoso, 1905.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Carnaval brasileiro – O vivido e o mito. São Paulo, Brasiliense, 1992.

SCLIAR, Moacyr. Judaísmo – Dispersão e Unidade. São Paulo, Ática, 1994.

SCHONFIELD, Hugh. El Partido de Jesús. Trad. de Joseph M. Apfelbaume. Barcelona, Martinez Roca, 1988.

_____. A Odisséia dos Essênios. Trad. de Júlia Bárány Bartolomei. São Paulo, Editora Mercuryo, 1993.

STEINEN, Karl Von Den. Crendices Populares de Cuiabá. In: CASCUDO, Luis da Câmara. Antologia do Folclore Brasileiro. Séculos XVI-XVII-XVIII, Os Cronistas Coloniais. Os Viajantes Estrangeiros. 3ª ed. Vol. I, São Paulo, Edição Martins, 1956.

SZEKELY, Edmond Bordeaux. Os Ensinamentos dos Essênios – De Enoque aos Manuscritos do Mar Morto. Trad. de Octavio Mendes Cajado, São Paulo, Editora Pensamento, 1981.

TURNER, Victor. O Processo Ritual. Petrópolis, Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. Os Ritos de Passagem. Trad. de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes, 1974.

VIEIRA, Maria Sulamita de Almeida. Luiz Gonzaga, o sertão em movimento. Tese de Doutorado em Sociologia, UFC, Fortaleza, 1999.

VILHENA, Rodolfo Luís. Projeto e Missão – o movimento folclórico brasileiro 1947-1964. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/FUNARTE, 1997.